

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro Sócio - Econômico

Departamento de Serviço Social

Marinês Parreira

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: os idosos participantes da provisão de bem estar social na família.

Florianópolis

2011/2

Marinês Parreira

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: os idosos participantes da provisão de bem estar social na família.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de
Bacharel em Serviço Social. Orientadora:
Prof.^a Dra. Regina Célia Mioto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

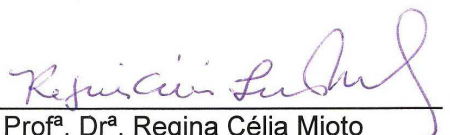
2011/2

MARINÊS PARREIRA

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: os idosos participantes da provisão de bem estar social na família.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como recurso parcial à obtenção de título de Bacharel em Serviço Social do Departamento de Serviço Social do Centro Sócio Econômico da Universidade Federal de Santa Catarina.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Regina Célia Mioto
Departamento de Serviço Social
Orientadora



Prof^a. Dr^a. Marli Palma
Departamento de Serviço Social
Primeira examinadora



Prof^a. Dr^a. Helenara Silveira Fagundes
Departamento de Serviço Social
Segunda examinadora

Florianópolis, 01 de dezembro de 2011.

“Dedico este trabalho a todos que
de alguma forma me incentivaram
e estiveram ao meu lado
em mais um
desafio”.

AGRADECIMENTOS

“Quando o sol bater na janela do seu quarto, lembra e vê que o caminho é um só, o sol nasce pra todos [...] é preciso começar tudo de novo o tempo todo [...]” (LEGIAO URBANA).

Pensar em um mundo diferente, uma sociedade mais justa, um olhar abrangente só é possível quando nos abrimos para a vida. As descobertas só são possíveis se realmente queremos ver além.

Os desafios são postos e temos que acreditar, persistir e apreender com o novo. A vitória demora mais vem, este é o processo de crescimento, desbravar o desconhecido.

Em meio a estes desafios encontramos pessoas, umas marcam outras apenas nos cercam. As que marcam nos passam sabedoria, aprendizado e força para lutar e vencer. As que passam simplesmente passam e nos trazem alguns desafios. O importante é ter humildade, paciência e entendimento de que nem todos são iguais. O que também é um grande aprendizado.

Assim, agradeço a todos aqueles que vibraram com minha força de vontade, com meu empenho na construção deste simples trabalho.

Aos meus amigos e companheiros de todos os momentos, desta forma, não citarei todos os nomes porque faltará espaço, mas coloco alguns como inesquecíveis como: o Davi que mesmo na turbulência me fez rir com seu humor inteligente e sincero, ao Adelson que me surpreendeu com sua visão de sociedade, a minha amiga Gi que luta como eu para ser feliz e esteve ao meu lado em todos os momentos e ao meu amigo Xico pelas palavras e admiração pelo meu trabalho.

Amigos de uma caminhada que não foi fácil, nos trouxe alegrias, dúvidas, incertezas e uma única certeza, a de que iríamos chegar até aqui. E ainda vem mais....

Agradeço também aos amigos do momento da cervejinha, momentos de troca e que me escutaram e entenderam que sou diferente estes sabem que sou feliz por estarem ao meu lado e os guardo com carinho no meu coração.

A família é nossa base, assim minha família se mostrou em todos os momentos, sendo a minha base o meu equilíbrio para pensar e agir e saber que um dia tudo daria certo. Mesmo que alguns perto e outros distantes. Agradeço a vocês pela existência, obrigada e obrigada sempre. Amo vocês.

Agradeço a minha “nona Diamantina”, que já não faz mais parte desta existência, pelo incentivo e aprendizado constante. Esta que foi avó, amiga e muitas vezes me educou como mãe quando minha mãe não estava presente. Sinto sua falta.

Da mesma forma, agradeço ao meu “noninho Albino” que também não está mais por aqui, mas que lembro sempre. Mesmo que com muitas dificuldades jamais o vi triste, seu sorriso contagiava, fazia piada até da tristeza, sempre acreditou que tudo daria certo. Dele herdei o bom humor e a vontade de crescer.

A natureza que me rodeia e que traz a claridade e o silêncio para poder ler, pensar e escrever estas simples linhas. Agradeço aos meus Xamãs que iluminaram os pensamentos e ajudaram a refletir nas horas de tristeza e de inquietações diante do errado. Sou guerreira ...

Ao meu querido companheiro Gabriel que sempre se dispôs a ouvir minhas inquietações e me ensinou que a paciência é a melhor das virtudes. A estratégia é não se entregar e acreditar que tudo posso, basta querer.

Obrigada pela sua paciência e compreensão em todos os momentos. Para que explicar o amor, ele acontece e não é por acaso, obrigada por existir e fazer parte da minha vida.

Agradeço a professora Regina que aceitou este desafio e fez parte do meu crescimento enquanto orientanda e futura profissional. Agradeço a paciência e compreensão. Aprendi muito e espero continuar aprendendo. O incentivo e dedicação foram fundamentais.

Da mesma forma agradeço a professora Marli pelo tempo convivido no NECAD, a experiência foi importante para minha formação.

A minha amiga e profissional de Serviço Social Arlei que muito me ensinou no processo de estágio local onde realizei a investigação. Obrigada pela amizade e pela troca de experiências que tivemos.

As minhas queridas colegas de estágio que se tornaram grandes amigas Marina e Janaina, obrigada pela convivência feliz que tivemos de mutuo aprendizado, saudades...

Aos queridos idosos que acompanhei durante este um ano e meio que muito me ensinaram e que fizeram parte desta construção. Obrigada pela confiança, sinceridade e respeito pelo meu trabalho. Vocês fizeram com que despertasse a vontade e a certeza de que muito posso fazer atuando com os idosos. Viver é não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar e ter a certeza de ser um eterno aprendiz. Já sinto falta. Obrigada pela compreensão e disponibilidade de aprender e de mútuo respeito que tivemos.

Assim agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte desta caminhada e me ensinaram que a vitória demora, mas vem.

Obrigada!

“Aprendi com as Primaveras a
me deixar cortar para poder voltar
sempre inteira”.

Cecília Meireles

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como proposta debater as relações intergeracionais, enfocando a participação do idoso na provisão de bem-estar na família e a autonomia dos idosos nesse contexto. Trata-se de um estudo realizado a partir da experiência de estágio curricular obrigatório com os idosos participantes dos Grupos e Projetos do SESC no ano de 2011. O trabalho inicia contextualizando a questão do envelhecimento populacional Brasileiro e as relações intergeracionais, através da contribuição de alguns autores tais como Peixoto (2004); Camarano (2002); Goldani (2004); Faleiros (2007 e 2010) entre outros. Em continuidade faz-se uma breve contextualização sobre envelhecimento no Brasil. Em seguida debate-se a questão das famílias e as relações intergeracionais, pontuando questões relativas à proteção social da e na família, a proteção social do idoso a partir da Política Nacional do Idoso e do Estatuto do Idoso. No segundo capítulo apresentam-se o perfil dos sujeitos da investigação, os seus depoimentos nas oficinas realizadas no SESC no ano de 2011 tendo como tema as relações familiares, e tece-se a análise referenciada nas contribuições dos autores estudados. Na finalização do trabalho é realizada uma reflexão acerca do tema e dos resultados da investigação, bem como ressalta-se a importância do processo investigativo no exercício e formação profissional dos assistentes sociais.

Palavras chaves: relações intergeracionais; proteção social; idosos provedores; família.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Grupos de idade da população no Brasil no ano de 2000.....	20
Gráfico 02: Idosos no Brasil por sexo no ano de 2000.....	20
Gráfico 03: Pirâmide populacional 2010.....	22
Gráfico 04: População idosa por sexo em Santa Catarina no ano de 2010.....	24
Gráfico 05: População idosa por sexo em Florianópolis no ano de 2010.....	24
Gráfico 06: Faixa etária dos idosos participantes das oficinas 2011.....	54
Gráfico 07: Idosos por sexo participante das oficinas 2011.....	55
Gráfico 08: Escolaridade dos idosos participante das oficinas 2011.....	57
Gráfico 09: Renda pessoal dos idosos participante das oficinas 2011.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição da população idosa na Região Sul no ano de 2000.....	20
Tabela 02: População idosa por sexo dividido por regiões no ano de 2010.....	23
Tabela 03: Profissão dos idosos participantes das oficinas no ano de 2011.....	63

LISTA DE SIGLAS

BPC: Benefício de Prestação Continuada

CNC: Confederação Nacional do Comércio

FUNRURAL: Fundo de Atenção ao Trabalhador Rural

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LOAS: Lei Orgânica da Assistência Social

NECAD: Núcleo de Estudos da Criança Adolescente e Família

NETI: Núcleo de Estudos da Terceira Idade

PNI: Política Nacional do Idoso

PSF: Programa de Saúde da Família

SESC: Serviço Social do Comércio

SUS: Sistema Único de Saúde

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	16
1. ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS.	16
1.1 O envelhecimento populacional brasileiro	19
1.2 Família e relações intergeracionais	25
2. IDOSO, FAMÍLIA E PROTEÇÃO SOCIAL.....	30
2.1 Proteção Social do Idoso	34
2.2 As relações intergeracionais e a configuração da proteção na família.....	37
CAPÍTULO II	44
3. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: OS IDOSOS DO SESC E SUAS FAMÍLIAS.....	44
3.1. O SESC como campo de estágio e de investigação	44
3.1.1 A experiência de estágio curricular e a construção da investigação.....	49
3.1.2 O processo de Investigação.....	51
3.2- Os idosos e as suas famílias	53
3.2.1 Idosos participantes das oficinas do SESC e seu perfil	53
3.2.1.1 Idosos por faixas etárias	54
3.2.1.2 Idosos por sexo.....	55
3.2.1.3 Idosos: escolaridade e diferenças entre gêneros	56
3.2.1.4 Idosos e trajetórias sociais: diferenças entre eles e elas.....	58
3.2.1.5 Idosos: ocupação profissional e diferenças entre homens e mulheres.	62
3.2.1.6 Idosos e renda pessoal	64
3.3 Os idosos e suas famílias.....	65

3. 3.1 A solidariedade intergeracional na família dos idosos	67
3.3.1.1- Participação no orçamento familiar	68
3.3.1.2 Participação na provisão de cuidados	69
3.3.1.3 Participações nas decisões familiares quando residem no domicílio	72
3.3.1.4 Participação na realização de trabalhos domésticos	75
3.3.2 Solidariedade familiar para além do domicílio a participação dos idosos para com os filhos que vivem distantes	76
3.3.3 Solidariedade familiar: os idosos e sua autonomia.....	79
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
5. REFERÊNCIAS.....	91
6. APÊNDICES.....	97
6.1 Apêndice 1 : questões norteadoras para a investigação.....	98
6.2 Apêndice 2 : diário de campo.....	101
6.3 Apêndice 3 : relatório da oficina	106

INTRODUÇÃO

Para Peixoto (2004), o envelhecimento é umas das maiores conquistas sociais no século XX. Entretanto, de acordo com a autora, há uma visão generalizada de que isto será um problema, considerando especialmente a relação de dependência dos idosos.

No entanto, esta visão generalizada parece não avaliar o avanço na área da saúde e nas políticas de atenção aos idosos e também que os idosos continuam ativos.

Assim, são requisitados a participar cada vez mais da vida social. Particularmente, vem desempenhando importante papel enquanto provedores de bem estar social no contexto das relações intergeracionais no âmbito da família.

O interesse por essa temática surgiu a partir da experiência de Estágio Curricular obrigatório I e II realizado na Instituição Serviço Social do Comércio (SESC) – Unidade Florianópolis, no ano de 2011, junto aos idosos participantes dos Projetos do SESC: Idoso Empreendedor e Grupos Interativos.

No contexto da observação realizado nesse espaço foi se delineando o objeto dessa investigação que culminou na análise do material produzido pelas oficinas com os idosos, intituladas, “Há quantas andam as relações familiares”.

A investigação entendida a partir da perspectiva dialética em que, “a realidade deve ser entendida em sua totalidade, da aparência à essência, do simples ao concreto” (MARX, apud NETTO, 2006, p. 58) e, portanto, entendendo o Método como indicador fundamental para o trabalho do Assistente Social. Este deve permanecer sempre atento, procurando olhar, observar atentamente, pesquisar, analisar, refletir de forma crítica, enxergar o que está por trás do contexto apresentado.

Desta forma, a investigação faz parte da proposta deste trabalho estruturado em dois capítulos. O primeiro apresenta a questão do envelhecimento populacional brasileiro, o aumento de idosos e os aspectos relacionados à intergeracionalidade, destacando a importância das relações de solidariedade familiar intergeracional e a proteção social.

O segundo capítulo inicia-se com uma breve exposição do campo de estágio, onde se realizou o trabalho em pauta, destacando o caráter investigativo da profissão e os caminhos da investigação. Em seguida faz-se a exposição e análise das informações coletadas junto aos idosos. No primeiro momento traça-se o perfil dos idosos participantes das oficinas e num segundo momento trabalha-se a solidariedade intergeracional na família dos idosos.

Para esta análise foram utilizados, além dos relatórios das oficinas e um formulário respondido individualmente pelos idosos, o diário de campo, a observação e o relatório técnico construído nesse processo de investigação.

A hipótese que problematizou o debate desta pesquisa é de que os idosos são provedores de cuidados e que quando não tem seus limites respeitados perdem sua autonomia.

Finalmente, são apresentadas as reflexões finais sobre a temática desenvolvida, considerando que os idosos da atualidade têm papel importante na provisão de bem estar social, especialmente por contarem, não só com melhores condições de envelhecimento, mas com recursos advindos das aposentadorias, das pensões e de outros benefícios das políticas sociais. Isso tem profundos impactos tanto na rotina como na sua autonomia.

CAPITULO I

1. ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS.

Envelhecer é um processo natural à medida que nascemos, crescemos e também envelhecemos. Assim, a velhice faz parte de um ciclo natural da existência do ser humano que tem como base um processo biológico inerente ao homem.

O envelhecimento se colocou como uma questão para a ciência a partir da segunda metade do século XX e foi responsável pela criação de um campo específico de debate denominado Gerontologia, para o qual têm convergido as contribuições de diferentes disciplinas, dentre elas as Ciências Sociais. De acordo com Teles (2010) as Ciências Sociais iniciaram o debate sobre envelhecimento somente a partir da década de 1960, obtendo maior visibilidade na década de 1980, tempo em que a população idosa começou a aumentar e onde as relações sociais passaram por transformações principalmente no que tange a família.

A Gerontologia estuda o processo de envelhecimento, entendendo que o envelhecimento é um processo que ocorre de formas diferentes nas sociedades e está vinculado tanto a organização social como a cultura de cada sociedade ou país. Nessa perspectiva é consenso que não existe um único conceito de velhice, nem consenso entre os termos para designá-la e também as diferentes designações estão vinculadas a imagens diversas.

Para Pinheiros e Gomes,

[...] o termo velho é geralmente retratado em um quadro de pobreza e abandono, no qual, o indivíduo é marginalizado, infantilizado e tratado às vezes como inútil. Como coisas velhas que não são recicláveis, são descartados na sociedade do descartável, o velho aponta para esse paradoxo, que é tanto social como psicológico, que é filosófico, ético e também político. Como ele é humano e não pode ser lançado fora, a sociedade tem seus meios sutis de descartá-lo (PINHEIRO; GOMES, 2007, p.29-30).

Segundo Goldman (2000) o termo terceira idade, para designar a velhice, foi cunhado pelo gerontologista Francês Huet que considera que

[...] a Terceira Idade tenha seu principio cronológico na época comumente declarada em muitos sistemas legislativos de aposentadoria, por exemplo, lucrativo, cuja faixa varia de 60 a 65 anos, mas de fato, as mudanças características da Terceira Idade já começaram a tornar-se evidentes mais cedo. (FUSTIONE, 1982, p.8 apud GOLDMAN, 2000, p.13).

A velhice ou terceira idade, segundo Bruno (2003) é uma categoria construída pela sociedade contemporânea incorporada e tratada de maneira diferente e vista como um desafio para as políticas públicas, sociedade e família. Assim, a velhice como categoria construída socialmente tem sido vista e tratada de maneira diferente, de acordo com períodos históricos e com a estrutura social, cultural, econômica e política de cada povo.

Nesse contexto, os papéis tradicionais dos idosos - como conselheiros e portadores de sabedoria - também se modificaram. Sob a luz de Faleiros (2010), é possível entender que a partir da industrialização e da escolarização, das mudanças ocorridas na esfera da produção e na família e as novas reconfigurações da vida pública e privada, aos idosos restou apenas o âmbito da vida privada. Excluídos da esfera produtiva, foram catalogados como incapazes e, portanto relegados ao isolamento, seja nos asilos como objeto de filantropia ou no recanto da família.

Nesse debate, Mesquita e Portella (2004) chamam atenção para o fato que o envelhecimento, além de social, também é um fenômeno biológico e psicológico e, afeta o ser humano na plenitude de sua existência. Dessa forma transforma sua relação com o tempo, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história.

Portanto, “o processo de envelhecimento é complexo, não sendo somente um momento pertinente a vida das pessoas e sim, um processo vivenciado tanto pelo indivíduo quanto pelos familiares e pela sociedade que o envolve” (GOLDMAN, 2000, p. 20) Nos termos de Goldman

A velhice, enquanto fenômeno social há que ser compreendida como resultante de um conjunto de determinantes econômicos, sociais, políticos e ideológicos que ocorrem na correlação de forças e contradições engendradas pelo modo de produção capitalista. (GOLDMAN, 2000, p.20).

Assim o envelhecimento não será da mesma forma para todos os idosos, irá depender das condições sociais, culturais e econômicas onde estes estão inseridas. Para tanto, é necessário entender o envelhecimento de acordo com a realidade de cada país e de cada sociedade.

Torna-se necessário entender o idoso na atualidade para então poder realizar intervenções que vem em encontro as demandas atuais, como fala Debert (1999). Para Spozati (1999), entender os idosos no contexto atual é não considerá-los como descartáveis, mas reconhecê-los como cidadãos de direito. Para a autora

Tratar de forma descartável a Terceira Idade é afirmar que o nosso padrão de civilidade só serve para alguns; os outros podem ser descartados porque não interessam mais a produção econômica. Não há valor cultural, nem simbólico, e nem transmissão de conhecimentos. Uma sociedade que não tem presente e nem passado, não pode ter futuro, porque ela não tem história. O futuro não é só da criança. Romper essa segmentação na sociedade é fundamental. (SPOZATI, 1999, p. 21).

No bojo desse debate, a sociedade brasileira empreendeu uma longa luta para o reconhecimento legal do idoso como sujeito de direito e que envelhecer não pode ser considerado um problema para a sociedade, ao contrário deve ser considerado uma conquista da própria sociedade. Nesse sentido a Política Nacional do Idoso, no artigo 3º, inciso II – apregoa que “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos”. Nela no seu capítulo I, artigo 2º, “considera-se o idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”, também chamada de terceira idade. (POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 1994, p. 1).

Diante dessas considerações acerca das diferentes formas de entender o envelhecimento, localizando-o no contexto da Política Nacional do Idoso, ou Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), e tendo em vista os objetivos do trabalho, pretendemos contemplar nessa sessão o debate sobre o envelhecimento da população brasileira, seus aspectos demográficos e a abordagem da questão do envelhecimento, proteção social e família.

1.1 O envelhecimento populacional brasileiro

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo. Em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil atual de 0 a 14 anos de idade (ANDREWS, 2000, p. 247apud MAYER 2002, 7).

A sociedade brasileira está vivenciando um novo processo de reestruturação econômica, social e política e o acesso as novas tecnologias vem proporcionando o envelhecimento da população num contexto globalizado.

Segundo Berzins (2003) o envelhecimento da população brasileira vem de encontro às transformações demográficas, biológicas, econômicas e comportamentais. O aumento do número de idosos, nos últimos dez anos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE aumentou significativamente, considerando que a população idosa no ano de 2000 era de 14.536.029 idosos, a estimativa segundo o IBGE é que os idosos serão responsáveis por 15% da população até 2050.

Com este novo perfil demográfico a velhice passa a ter visibilidade na sociedade brasileira, de acordo com Birman

Na atualidade se processam transformações importantes nas relações estabelecidas pela sociedade com a velhice na nossa tradição cultural. A velhice passa a ser objeto de cuidado e atenção especiais [...] Parece que começou a se realizar no Brasil de maneira lenta um processo que indica uma reviravolta importante na relação da nossa cultura com a velhice [...] (ela) passa a receber um olhar e um início de reconhecimento social que não existe na memória da modernidade. (BIRMAN, 1995, apud ALMEIDA, 2003, p.35-36).

Assim, na atual sociedade a velhice terá um novo direcionamento em relação à proteção social do idoso por parte do Estado, da família e da sociedade. Para melhor exemplificar os números significativos da população idosa, o gráfico a seguir

apresenta dados referentes à distribuição das 169.799.170 pessoas que constituem a população do Brasil, por idade, segundo dados do censo do ano de 2000.

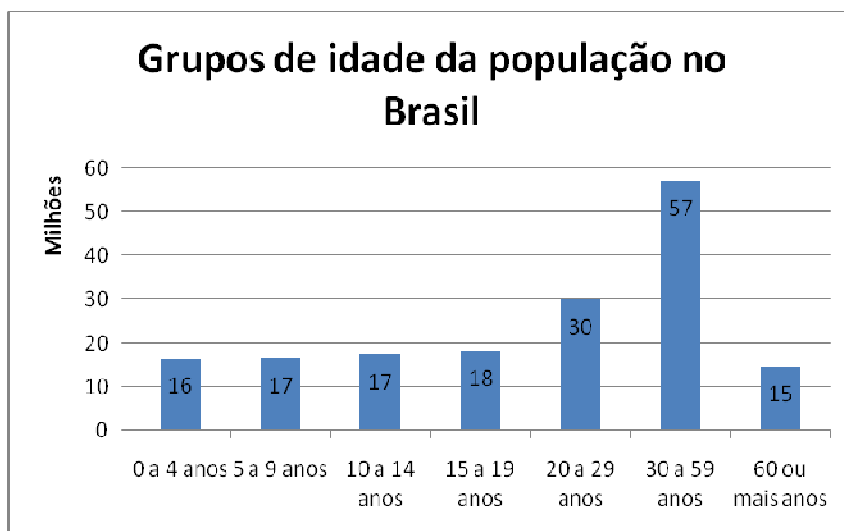


Gráfico 01: Grupos de idade da população no Brasil no ano de 2000
Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2000.

Quanto ao universo da população idosa de 14.536.029 o gráfico abaixo demonstra como ela se distribui por sexo.

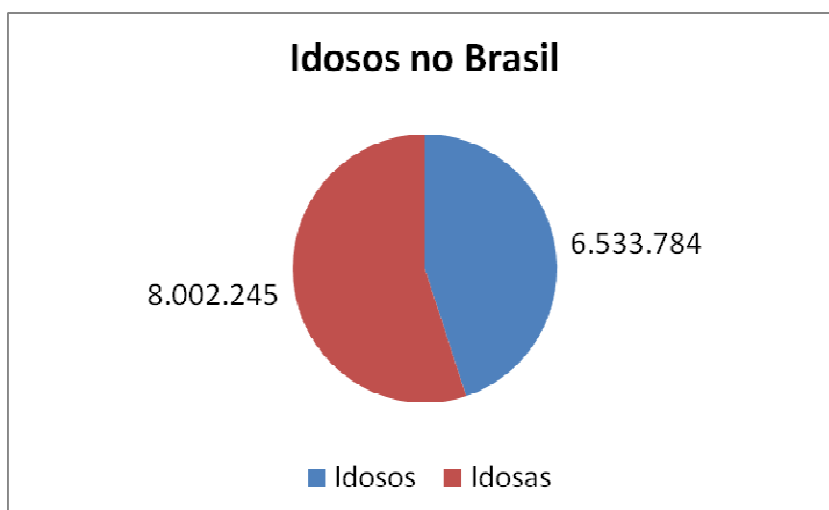


Gráfico 02: Idosos no Brasil por sexo no ano de 2000
Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2000.

Percebe-se que em 2000 o número de mulheres idosas ultrapassa o número de homens idosos. A expectativa de vida das mulheres segundo dados do IBGE é mais elevada em relação aos homens o que faz ter este segmento diferenciado. O

envelhecimento se dá de forma diferente entre homens e mulheres. De acordo com Paschoal,

Há diversos fatores que levam as mulheres a viverem mais. Em primeiro lugar, a proteção hormonal do estrogênio, que protege a mulher, até a sexta década da vida, de morte cardiovascular. Há também a inserção diferente no mercado de trabalho que a atual coorte de idosos teve, mulheres trabalhando dentro de casa e homens trabalhando fora de casa. O ambiente doméstico é mais protegido que o externo, onde ocorre mais violência (assassinato, homicídios, brigas) e mais acidentes (de trabalho, de trânsito). Assim, os homens foram submetidos a ambientes mais perigosos para a vida, além de serem mais propensos a atos violentos. (PASCHOAL, 2006, p. 83 apud DARROIT, 2011, p. 56).

Segundo o mesmo autor referenciado acima outro fator é questão do tabaco e do álcool. Geralmente os homens fumam e bebem mais que as mulheres o que os faz ficarem mais vulneráveis aos riscos de saúde e bem estar. Outro fator está relacionado a saúde, é que as mulheres se preocupam mais com a alimentação, atividade física e exames periódicos. Enquanto que os homens procuram o médico somente em casos específicos, como por exemplo, quando chega a Andropausa ou quando realizam atividade física mediante determinação médica quando é necessário emagrecer.

A próxima tabela demonstra a distribuição da população idosa na região sul do país – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul segundo dados do IBGE 2000.

Tabela 01: Distribuição da população idosa na Região Sul no ano de 2000
Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2000.

População idosa na Região Sul

Estado	População total	População de idosos
Paraná	9.563.458	809.431
Santa Catarina	5.356.060	430.433
Rio Grande do Sul	10.187.798	1.065.484
Total	25.107.316	2.305.348

Para uma breve exposição entre os anos de 2000 e 2010, segundo o censo de 2010, a população idosa aumentou, o Brasil tem registrado redução significativa

na participação da população com idades até 25 anos e aumento no número de idosos.

Em todo o Brasil, segundo dados do Censo 2010, existem 23.760 pessoas com mais de 100 anos. Bahia, São Paulo e Minas Gerais são os estados com o maior número de idosos centenários. Na Bahia, vivem atualmente 3.525, em São Paulo estão 3.146 e em Minas moram 2.597.

A diferença é mais evidente se comparadas as populações de até 4 anos de idade e acima dos 65 anos. Em 2010, de acordo com Censo Demográfico o país tem 13,8 milhões de crianças de até 4 anos e 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos.

O Brasil, segundo o Censo 2010, tem 45.932.295 de pessoas entre 0 e 14 anos; 34.236.060 entre 15 e 24 anos; 46.737.506 entre 25 e 39; 34.983.120 entre 40 e 54; 14.785.338 de 55 a 64 anos; e 14.081.480 com mais de 65 anos.

A expectativa de vida da atualidade diferencia muito dos anos anteriores. Isto se dá devido às novas experiências e avanços principalmente na área da saúde, muitas vezes retardando o processo de envelhecimento. Os idosos da atualidade são mais ativos, mais participativos e em busca de nova fase da vida. A atividade física é um dos pontos positivos para envelhecer mais tarde e com saúde.

Segue a seguir a distribuição da população por sexo e grupos de idade segundo o censo 2010.

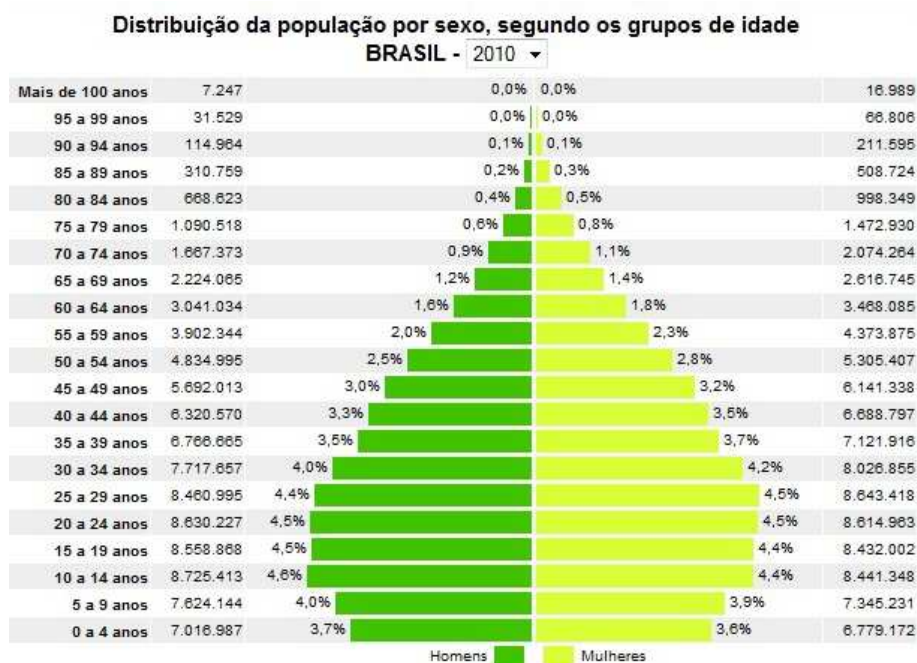


Gráfico 03: Pirâmide populacional 2010

Fonte: Dados IBGE 2010.

De acordo com o IBGE 2010 a participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 chega a 7,4% em 2010.

Na Região Norte segundo o IBGE a proporção de idosos na população passou de 3% em 1991 e 3,6% em 2000, para 4,6% em 2010.

A região Nordeste ainda tem, igualmente, características de uma população jovem. As crianças menores de 5 anos em 1991 correspondiam a 12,8% da população; em 2000 esse valor caiu para 10,6%, chegando a 8,0% em 2010. Já a proporção de idosos passou de 5,1% em 1991 a 5,8% em 2000 e 7,2% em 2010.

Na Região Centro-Oeste a população de idosos teve um crescimento, passando de 3,3%, em 1991, para 4,3%, em 2000, e 5,8% em 2010.

Sudeste e Sul apresentam evolução semelhante da estrutura etária, mantendo-se como as duas regiões mais envelhecidas do País. Segundo dados do IBGE 2010 as duas tinham, em 2010, 8,1% da população formada por idosos com 65 anos ou mais, enquanto a proporção de crianças menores de 5 anos era, respectivamente, de 6,5% e 6,4%.

Segue na tabela a distribuição da população residente por sexo, em 2010 dividindo por regiões.

Tabela 02: População idosa por sexo dividido por regiões no ano de 2010
Fonte: Censo 2010/IBGE

Regiões	Total	Homens	Mulheres
Norte	15.864.454	8.004.915	7.859.539
Nordeste	53.081.950	25.909.046	27.172.904
Sudeste	80.364.410	39.076.647	41.287.763
Sul	27.386.891	13.436.411	13.950.480
Centro oeste	14.058.094	6.976.971	7.078.123

A população idosa em Santa Catarina vem ao encontro da população idosa de todo o Sul do país, que juntamente com a região sudeste tem o maior número deste segmento. O gráfico a seguir demonstra a distribuição por sexo dos 656.913 idosos em Santa Catarina do total de 6.248.436 residentes conforme dados do censo 2010.

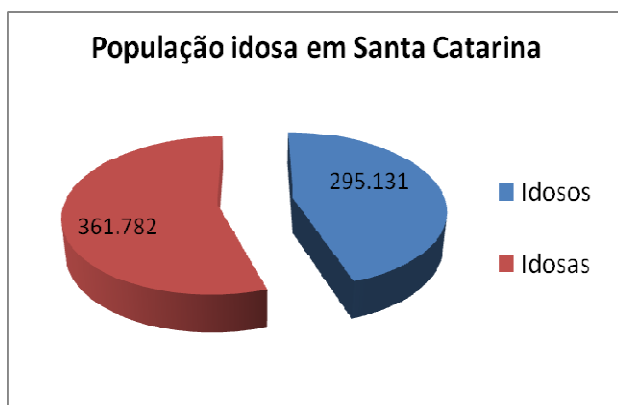


Gráfico 04: População idosa por sexo em Santa Catarina no ano de 2010
Fonte: IBGE 2010.

O número de idosos também é representativo na cidade de Florianópolis/SC, com ênfase ao número de idosas mulheres. O gráfico seguinte demonstra a distribuição por sexo dos 48.423 idosos do município de Florianópolis –SC.

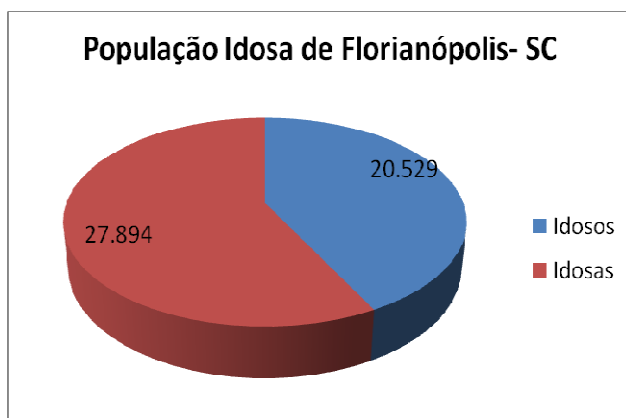


Gráfico 05: População idosa por sexo em Florianópolis no ano de 2010
Fonte: IBGE 2010.

Analisando o gráfico acima, percebe-se que em Florianópolis-SC a população idosa por parte das mulheres também é significativa. Florianópolis tem suas particularidades em relação à qualidade de vida.

Muitos idosos procuram viver nesta cidade porque lhes oferece bem estar e tranquilidade com muitos locais de lazer e atividades físicas. Este espaço está tanto no público, como no caso do Núcleo da Terceira Idade - NETI da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, quanto no Trabalho Social com Idosos no Serviço Social do Comércio - SESC.

Considerando os dados representados, os idosos representam um novo significado para a sociedade brasileira, principalmente com o número de mulheres idosas sobressaindo sobre o número de idosos homens. Este novo cenário irá refletir diretamente na família e nas relações intergeracionais, item a ser exposto a seguir.

1.2 Família e relações intergeracionais

A família é o pressuposto para qualquer cidadão, seja criança, jovem, adulto ou idoso. É na família que se iniciam os primeiros passos para cidadania, onde se tem a referência da vida, valores, cultura e responsabilidades. É também na família que acontecerá o encontro entre as gerações.

Assim,

A família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constrói a auto-imagem e a imagem do mundo exterior. É onde se aprende a falar e, por meio da linguagem, a ordenar e dar sentido as experiências vividas [...]. Esse processo que se inicia ao nascer prolonga-se ao longo de toda a vida, a partir de diferentes lugares que se ocupa na família (SARTI, 1999, p.100 apud BAPTISTA, 2008, p.2).

Para Sarti (2003), a família é o lugar onde existem relações de gênero e gerações, onde nos reconhecemos. Ela faz a ponte entre o público e privado e os deslocamentos que vão da compaixão a solidariedade.

O convívio entre as gerações na atualidade está sendo possível graças às transformações societárias que repercutiram na família a partir do século XX e as famílias mesmo que menores passaram a ter maiores possibilidades de convivência. Dessa forma, tornou-se factível encontrar dentro da mesma família três ou quatro gerações.

Camarano coloca que:

[...] esse foi o resultado do “sucesso” de políticas econômicas e sociais que resultaram em uma melhoria generalizada das condições de vida, em geral, e de saúde, em particular. No caso da população brasileira, tem-se observado desde a segunda metade dos anos 1950, embora de forma desigual, maior acesso a serviços médicos preventivos e curativos, a tecnologia médica avançada, a água tratada, o esgoto e saneamento, a escolaridade etc.(CAMARANO, 2002, p. 587).

Neste aspecto destaca-se que o Brasil está vivenciando um novo processo de descobertas na área da saúde possibilitando que os idosos vivam mais e possivelmente cheguem à idade dos idosos longevos, entre noventa e cem anos de idade, o que acarreta diretamente em maior convívio entre as gerações.

Nesta dinâmica de relações ressalta-se a importância do idoso no convívio com as demais gerações. De acordo com Cervený e Berthoud (1997, p. 127) “as relações familiares na fase última serão marcadas pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar e com a inserção de novos membros como noras, genros e netos”.

Desta forma, quando o idoso fica ou cuida dos netos revive os modelos de criação dos filhos, isto é, passa a educação que seus filhos receberam quando crianças. Esta troca de funções acaba gerando conflitos familiares, que podem trazer benefícios quando são resolvidos. As avós desempenham papel fundamental na transmissão das heranças familiares, na continuidade das relações e das trocas intergeracionais, nos cuidados às crianças, sendo valorizados pelos seus netos como figura de experiência. Para os netos, os avôs ocupam o lugar de afeto, pessoa de referência a “vovó e o vovô que eu amo”¹.

A troca de conhecimentos é à base da convivência entre as gerações, enquanto os idosos transmitem o que sabem, os jovens ensinam as novas tecnologias já que faz parte da juventude e ainda distante de muitos idosos. Neste debate, muitos estudiosos e especialistas da área da gerontologia afirmam que as oportunidades de convivência entre gerações são fatores favoráveis a ter uma velhice mais tranqüila, e ao mesmo tempo ativa.

Acredita-se que os idosos ao estarem em contato com outras gerações mais jovens despertem o interesse pelo novo, pelo desconhecido de sua época como é o caso das novas tecnologias. Exemplo disto são a informática e o aparelho de celular, muitos idosos procuram ter acesso à tecnologia em busca da aproximação com os mais novos esta aproximação na maioria das vezes acontece por convivência principalmente com os netos . (FERRIGNO, 2006).

Para o autor há trocas importantes entre as gerações, no caso dos mais velhos estes passam a memória cultural e valores éticos fundamentais e ao mesmo tempo uma educação para o envelhecimento. Já os jovens transmitem o conhecimento das novas tecnologias e vivência de suas gerações.

A convivência entre as gerações está cada vez mais em destaque, seja por via de comércio, pela venda de produtos ou pela mídia em programas onde aparece a família com gerações de pais, filhos, avos e netos.

Quanto às leis, a convivência entre as gerações está presente no Estatuto do Idoso, no artigo 3º, que

¹ Grifo da autora.

[...] é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, a cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, a cidadania, a liberdade, a dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária. (Estatuto do Idoso, 2003).

O Estatuto no capítulo V reforça a convivência e expõe quanto à educação, cultura, esporte e lazer, artigo 21 inciso 1º e 2º colocando que o poder público deverá criar oportunidades de participação dos idosos em escolas, cursos de computação e demais avanços tecnológicos que promovam a sua convivência com outras gerações e a integração na vida moderna. (Estatuto do Idoso artigo 21, 2003).

Assim, o próprio Estatuto do Idoso coloca a importância do convívio entre as gerações e traz a “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações”. No entanto, esta convivência não pode ultrapassar os limites e responsabilidades dos idosos, uma convivência entre as gerações deve se dar de forma que a liberdade de um não ultrapasse a liberdade do outro.

Desta maneira, os idosos passam a ter novas responsabilidades que até então já haviam vivenciado, que era cuidar de seus filhos e agora com as novas configurações da família passa a responsabilizar-se pelos seus netos.

Na medida em que aumenta a convivência entre as gerações aumentam também as responsabilidades e os problemas, a responsabilização de cuidados não é feita sem cobranças. As avós cobram dos pais a educação e os pais cobram dos avós os cuidados. Quando os netos vão morar na casa dos avós, estes se tornam provedores de cuidados. Assim como mudam as estruturas familiares, muda também o modo de viver do idoso.

Nessa perspectiva, é que se torna possível problematizar a questão da convivência intergeracional na família no contexto da sociedade brasileira, entendendo que as famílias são instituições com várias características, com laços de parentescos e normas de relacionamentos que determinam direitos e obrigações de várias espécies aos seus membros. (MEDEIROS e OSORIO, 2001).

Segundo Ferrigno (2006) é no contexto familiar que ocorrem os encontros entre as gerações e estas relações são construídas e reconstruídas conforme as diferentes etapas da vida de duas maneiras: pelo afeto e pelas necessidades.

Dentro deste contexto da convivência intergeracional, a sociedade e a família consideram que cuidar dos netos é um processo normal, porque os idosos estão em contato com os netos, ou seja, há uma troca de gerações. No entanto, é necessário destacar que dentro desta normalidade há que se pensar no idoso e seu papel na sociedade e na família.

É neste campo que se verifica a importância de realizar estudos sobre a convivência intergeracional nas famílias, problematizando o caráter dessas relações entre os idosos e suas famílias em relação à proteção social. Assim verifica-se a importância de saber qual é o impacto na vida dos idosos no que se refere aos cuidados com os netos é até que ponto a convivência entre as gerações no caso específico dos avós não altera na rotina e na autonomia desses idosos?

Nessa perspectiva é que se colocam as bases desse debate através do item o idoso, a família e a proteção social, particularmente através de dois eixos referentes ao idoso na política social brasileira e as relações intergeracionais e a configuração da proteção social na família.

2. IDOSO, FAMÍLIA E PROTEÇÃO SOCIAL

Envelhecer no século XXI não será igual à velhice do século XX , assim como mudam as estruturas familiares , muda também o modo de viver do idoso. A família como responsável pelo seu doente e a mulher como cuidadora de seus pais, sogros ou avós era o mais sensato diante da velhice. (BEAUVOIR, 1990).

Porém, as mudanças no mundo do trabalho e nas relações produtivas propiciaram alterações importantes no núcleo familiar e na sociedade. A lógica de “modernização” trouxe a precarização do trabalho, a flexibilização, a individualização e a privatização da esfera pública e com ela políticas sociais de caráter cada vez mais “familista”, abandonando a lógica dos direitos sociais e dificultando o acesso das famílias a bens e serviços básicos para a sua sobrevivência.

Familismo na política social é considerado como a perspectiva “em que a política pública considera em que as unidades familiares devem assumir a principal responsabilidade pelo bem estar de seus membros”. (MIOTO, 2004, p). Ou seja, a família tem responsabilidade principal pelo seu bem estar social.

Para a autora, neste modelo de proteção social a ação por parte do Estado ocorre mediante a falência da família na provisão do bem-estar. A interferência do Estado está em grande parte limitada às situações onde a rede familiar e comunitária não consegue garantir proteção mínima para os seus membros.

Em uma época em que a provisão da proteção social não é assegurada nem pelo Estado, nem pelas redes de solidariedade articuladas no interior das sociedades, a família é retomada como âncora principal para a garantia do bem-estar. Há a redescoberta da importância dos laços de parentesco como fonte de cuidado e proteção do grupo familiar e conseqüentemente o reconhecimento e valorização da família como uma importante instância geradora de cuidados, no desenvolvimento da reprodução social. (LIMA, 2006, p.61)

A família desta maneira continua sendo primeira instância de cuidados e de proteção social e a partir de uma perspectiva crítica pode ser considerada o lugar da materialização das expressões da “questão social” (MIOTO, 2004). Ela continua tendo que prover os cuidados e a proteção social, que são apontados como

principais elementos de sobrevivência dos seus membros. O Estado se retrai na garantia de direitos e passa a responsabilidade para as famílias (solidariedade) e para o mercado (capital e terceiro setor). Desta forma, a sociedade civil e a família passam a ser protagonistas no provimento de bem-estar social, o que lhes é delegado pela própria legislação emanada do Estado.

Assim, a relação entre família, Estado e políticas sociais de proteção é complexa e para compreendê-la é necessário entendê-la na totalidade da realidade social. Neste sentido, Miotto nos ajuda a compreender esta relação

[...] a contradição entre Estado e família pode ser observada através das legislações de muitos países, inclusive do Brasil, que tem na sua Constituição a família como base da sociedade e com especial proteção do Estado. Mas o que se verifica de fato é uma pauperização e uma queda crescente da qualidade de vida das famílias brasileiras, constatadas através de diferentes órgãos (MIOTTO, 2001, p. 46).

Desta forma, a família mesmo sem ter mecanismos de sustentação e condições de prover seus cuidados, é responsabilizada e culpabilizada caso não consiga responder as expectativas estipuladas pela sociedade. Dessa maneira, no âmbito familiar todos os esforços se direcionam para a manutenção da vida e à garantia da reprodução social. A família sempre se utilizou das práticas de solidariedade e dos vínculos emocionais estabelecidos para a troca de cuidados, bens, serviços e favores são historicamente disponibilizados pela família na operacionalização da proteção. (LIMA, 2006)

Neste aspecto, retoma-se a idéia que a velhice sempre foi responsabilidade da família. Esta conta com a solidariedade da filantropia e da igreja para prover proteção ao idoso e seus integrantes. As famílias procuram resolver suas necessidades de variadas formas, recorrendo aos parentes, aos vizinhos, e as instituições de filantropia (ONG'S). A velhice muitas vezes era considerada para a família como um problema.

No entanto, os idosos não representam apenas peso e preocupação para as famílias. Na atualidade a transformação de suas condições de vida, já indicadas

anteriormente, faz com que o idoso passe a ter novas perspectivas de vida e também se torne um recurso importante para a provisão de bem estar das famílias.

Por um lado, nas novas expectativas de vida fala-se de idosos ativos, independentes e não acamados, diferentemente das imagens dos idosos de tempos atrás, onde as condições culturais, saúde e tecnologia não possibilitavam que a velhice ocorresse em melhores condições e com possibilidades de maior convivência. Os idosos da atualidade na sua grande maioria são participativos, buscam autonomia e maior convivência.

De acordo com Milnitzky, Sung e Pereira, com maior longevidade, autonomia, qualidade de vida e independência econômica, o segmento idoso irá ocasionar impactos nas regras sociais atuais da sociedade. (MILNITZKY, SUNG e PEREIRA, 2004)

Nesta perspectiva, este impacto poderá refletir diretamente no meio familiar e nas relações sociais com a integração do idoso na participação de movimentos sociais e culturais. O idoso passa a ter novas expectativas e vivências que ainda não havia passado. No entanto, para que isto aconteça, este precisa estar livre, sem responsabilidades que possam afetar sua nova fase de vida como é o caso do cuidado com seus familiares cotidianamente.

Outro fator está relacionado à independência financeira. O fato de não precisar do dinheiro do filho ou parente é considerado por eles como forma de viver a vida como querem, fazendo o que gostam. E mais tarde quando não puderem mais ter autonomia podem contar com instituições especializadas para seu atendimento e convívio sem “dar trabalho” à família.

Por outro lado, no Brasil com as transformações na sociedade, a crise na economia e o alto índice de desemprego têm feito com que as famílias recorram cada vez mais à solidariedade familiar e contem ainda mais com a ajuda de parentes em especial dos avôs no cuidado e despesas com os netos.² (BERZINS, 2003).

² Pesquisa realizada pelo SESC/FPA ressalta a participação significativa de mulheres no cuidado com os netos (50%). Esse cuidado implica atividades como: levar a escola, cuidar deles parte do dia e nos finais de semana, dentre outros. Dezesseis por cento dos idosos afirmaram criar os netos, e entre as mulheres, 20%. Há uma interação entre essas gerações, o que quebra o quadro da família nuclear restrita, ameaçador na visão de Margaret Mead e por nos mencionados neste capítulo, quando resgatamos a contribuição de Gilberto Velho (1987) ao se referir à realidade da vivência

Com a saída da mulher para o mercado de trabalho e com as novas configurações familiares, as avós estão cada vez mais sendo requisitadas para o apoio familiar, já que o trabalho da mulher é necessário a manutenção da família. Para Pimentel e Albuquerque,

A fragmentação familiar associada à diminuição do número de casamentos e ao acréscimo das uniões livres, assim como ao aumento das taxas de divórcio e de reconstituição familiar; a diminuição de potenciais efetivos disponíveis para integrarem as redes de apoio, resultante do decréscimo da fecundidade e da natalidade; a diminuição do tempo disponível para os cuidados, decorrente das elevadas taxas de atividade laboral e da valorização da carreira profissional por parte dos adultos de ambos os sexos; a redefinição dos papéis de gênero, associada a uma vivência menos tradicional da conjugalidade e a uma recusa das mulheres em restringirem a sua esfera de ação e de realização ao espaço doméstico, são alguns dos fatores que provocam alterações profundas na estrutura das famílias e que têm implicações na disponibilidade destas para prover os cuidados de que os seus elementos mais dependentes necessitam. (PIMENTEL e ALBUQUERQUE, 2010, p. 253).

Ainda para as autoras o papel das famílias tem sido reconsiderado e o seu contributo para a produção de bem-estar social e individual celebrado. Para elas

[...] isto se dá devido a duas lógicas de sentidos contrários: uma primeira, de sentido positivo, prende-se com o reconhecimento da importância dos laços familiares para o bem-estar e para a estabilidade emocional dos indivíduos e com a manifesta vontade e direito das pessoas mais velhas a permanecerem integradas nos seus contextos de vida e nas suas redes relacionais; uma segunda, de sentido negativo, está relacionada com a necessidade de responsabilizar as famílias pelos cuidados aos seus elementos dependentes, devido à perda de sustentabilidade dos sistemas públicos de proteção social e à escassez de soluções de apoio face às necessidades e às exigências crescentes. (PIMENTEL e ALBUQUERQUE, 2010 p. 253)

geracional nas famílias brasileiras de camadas médias. Mas qual é o impacto para os avós desse cuidado dos netos? “Essa é uma pergunta que outra investigação pode responder.” (ALVES, 2007 p.135).

Diante dessas considerações fica evidente que o segmento idoso esta aumentando e que automaticamente necessita de atenção e de políticas sociais que atendam as necessidades desta nova expressão da “questão social” brasileira.

Sobre a velhice, nem sempre considerada conquista, Camarano diz que

embora seja uma conquista, nem todas as visões sobre esse fenômeno são de comemoração. Na verdade, a questão do envelhecimento populacional entrou na agenda das políticas públicas como um problema difícil de resolver, por se tratar do crescimento relativamente acelerado de um contingente populacional considerado inativo ou dependente, simultaneamente ao encolhimento daquele em idade ativa ou produtiva. A primeira preocupação surgida foi com o aumento das despesas com a seguridade social (CAMARANO, 2007, p.7).

Assim, o envelhecimento populacional, conquista da humanidade, apresenta grandes contradições, que deverão ser solucionadas com urgência pelas sociedades. Nesse sentido o Brasil não pode ver na população idosa um problema e sim uma nova conquista com possibilidades de ação que buscam a efetivação dos direitos da pessoa idosa. (MORANDINI, p. 297, 2004).

2.1 Proteção Social do Idoso

As políticas sociais foram gestadas diferentemente entre países, principalmente os desenvolvidos e muitos da Europa. Draibe (1993) coloca que as políticas sociais foram regulamentadas tardiamente, devido ao seu processo histórico, tem sua história política social vinculada ao período de ditadura, de concepção elitista e conservadora, fazendo com que os acessos às políticas sociais fossem intermediados por interesses político, sociais e econômicos.

Diante deste contexto de regulação social tardia, o acesso aos direitos sociais ocorre de forma residual, restrito, ou de alcance gradual a alguns grupos sociais e a algumas regiões do país. Desta forma as políticas sociais são gestadas muitas vezes através de programas de governo reforçando ainda uma política com caráter familista. (DRAIBE, 1993). Este caráter estará presente em todas as políticas sociais e que atendam qualquer segmento, seja o idoso, a criança e adolescente, os portadores de deficiência, etc.

Para o segmento idoso as políticas de proteção não foram diferentes, continuaram dentro da lógica do familismo, no início atingiam somente um contingente da população, na zona urbana com os idosos contribuintes e no caso dos idosos da área rural estes foram atendidos somente com o FUNRURAL³ em 1971.

De acordo com Faleiros (2007) a velhice entrou na agenda brasileira em forma de direitos trabalhistas com uma Previdência Social nas Constituições de 1934, 1937, 1946 e 1967, ou seja, era considerado idoso ou velho aquele que se tornava improdutivo, fora do mercado de trabalho, passava a receber do governo a aposentadoria, esta deveria suprir as necessidades do idoso na moradia, saúde e alimentação.

Com a Constituição de 1988 a velhice recebe maior atenção por parte do Estado, que determina como dever da família, da sociedade e do Estado o amparo a pessoa idosa, instituiu uma série de benefícios para o grupo que vive, hoje, a última fase da vida. (CAMARANO, 2002, p.590).

A partir da Constituição de 1988 e, mais precisamente, de 1993 com a aprovação da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, a assistência social passa a ser inserida no rol dos direitos sociais, com caráter universalista vem diferenciá-la do assistencialismo voltando-se para o cumprimento do direito do cidadão em busca da extensão da cidadania. Em 1994 com a regulamentação da Lei n. 8.842 de 1993 é promulgada a Política Nacional do Idoso (PNI).

Esta política tem como norte “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação na sociedade” (POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 1993). A PNI foi pautada em dois eixos, o primeiro é em relação à Proteção Social, esta que inclui a moradia, saúde, transporte e renda mínima, o segundo eixo é em relação à inclusão social que prevê a participação dos idosos na sociedade através da inserção e reinserção em atividades educativas, grupais e de lazer.

³ FUNRURAL – Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural: benefício concedido aos trabalhadores rurais no ano de 1971 através da Lei complementar nº 11 ligado ao Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Em 2003 é implementado o Estatuto do Idoso com a Lei n. 10.741/2003, este vem assegurar o direito da pessoa idosa, compreendendo que “o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social” (POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 1993).

Conforme expresso no Art. 2º do Estatuto do Idoso

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (Lei 10.741, de 01/10/1993).

Assim, o Estatuto do Idoso é um importante documento de garantia de direitos da pessoa idosa de forma que “A assistência social aos idosos será prestada, de forma articulada, conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no SUS- Sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes” (Estatuto do Idoso, 2003).

Neste debate de garantia de direitos e acesso as políticas de atenção ao idoso os municípios atuam através do Programa de Saúde da Família – PSF, que vem na direção de uma nova política de atenção a família, dentro desta está à inclusão de atendimento ao idoso através dos cuidadores domiciliares, o que demonstra que atualmente há maior atenção a este segmento.

Morandini (2004) coloca que o Brasil avançou na legislação do idoso desde sua inclusão na Constituição. O idoso passa a ter outro significado na sociedade, e passa a ser tratado como cidadão e não como “velho” doente e incapaz. Pelo contrário, este é tratado como idoso independente e ativo capaz de ajudar a prover atenção e cuidados aos familiares. Este tem sua proteção garantida por Lei, portanto, o segmento idoso é protegido, seja pela via da Previdência através da

aposentadoria ou pelo acesso ao Benefício de Prestação Continuada- BPC⁴ quando em casos específicos.

Diante disto a velhice brasileira está trazendo novas configurações, tanto para o mercado tendo o idoso como um novo cliente de serviços, na área da saúde, lazer, turismo e também com um novo olhar em relação à política pública.

Desta forma, o envelhecimento da população brasileira produziu uma importante mudança no cenário da gestão das políticas públicas de Estado, nas suas representações municipais, estadual e federal. Para Mendonça (1999) a sociedade atual está se conscientizando do papel do idoso, isto se dá tanto na valorização e respeito, quanto na garantia de direitos.

É importante também que se garanta a todos os idosos, independente de grau de escolaridade, raça, cor o acesso a novas tecnologias, participação em grupos de convivência e trabalhos sociais, que garantam a cidadania e acesso as informações sobre envelhecimento e convivência geracional na difusão de bens culturais. (SIQUEIRA, 2007)

Na luta pelos direitos a proteção da pessoa idosa a PNI e o Estatuto do Idoso, são leis que não só garante o bem estar deste público, mas também se tornaram referência de debate no sentido de ampliação dos direitos.

2.2 As relações intergeracionais e a configuração da proteção na família

É a partir de 1970 com o movimento das pessoas idosas que as relações entre a família e a sociedade na velhice começam a ser discutidas no Brasil. Há assim uma nova configuração de direitos e de proteção social.

A partir dos anos 90 as mulheres têm filhos mais cedo e diminuem a quantidade de filhos, há o predomínio de famílias nucleares e aumento das famílias monoparentais, a população é proporcionalmente mais velha. Muitas optam por viverem sós e muitas famílias passam a ser recompostas, a família passa a ser o lugar de afetos, a reprodução passa por um processo de escolha. (SARTI, 2003). A

⁴ O BPC é concedido aos idosos acima de 65 anos de idade que não podem trabalhar por motivo de doença ou deficiência diagnosticada. Estes recebem o valor de um salário mínimo por mês para suas despesas.

associação da redução da fecundidade com a queda da mortalidade reflete-se na evolução da composição etária da população do país que segue em processo de envelhecimento (BERZINS, 2003).

Neste aspecto as novas configurações das famílias brasileiras, num momento de retração da responsabilidade do Estado em relação à proteção social, são fatores importantes na busca pela proteção social através da solidariedade familiar e nas trocas intergeracionais. De acordo com Pimentel e Albuquerque

As ajudas financeiras (mais ou menos substanciais), o apoio emocional, os cuidados aos netos, a provisão de alojamento, a prestação de serviços e a ajuda na realização de tarefas domésticas, são algumas das áreas em que muitos idosos dão um contributo fundamental, facilitando a vida quotidiana dos seus parentes mais próximos. Quanto à transmissão de valores e de saberes, o papel dos idosos pode ser destacado através da experiência de vida que só quem teve o privilégio de envelhecer podem ostentar, constituem-se como veículos de cultura inigualáveis e insubstituíveis. (PIMENTEL e ALBUQUERQUE, 2010, p. 256).

Com um patrimônio acumulado e poupança pouco comum entre as gerações mais jovens, as pessoas idosas, quando integradas em redes de entre ajuda, podem revelar-se como um alicerce fundamental na sustentação das mesmas. (PIMENTEL e ALBUQUERQUE, 2010).

Camarano (2002) explicita que as famílias onde residem idosos que auxiliam com as despesas da casa vivem em melhores condições econômicas. Isto se dá devido aos tipos de arranjos internos e do ciclo familiar que estabelecem dependência econômica entre seus membros. Para ela outro fator é a universalização dos benefícios da seguridade social como é a renda mensal vitalícia (pensão).

[...] “na realidade, as solidariedades familiares (particularmente as intergeracionais, de todas as mais comuns) têm uma importância relevante não só na economia das famílias, como também nas suas vidas quotidianas e trajetórias sociais”. Para o autor as redes de solidariedade familiar ou de entre ajuda se efetivam nas trocas que fazem entre si. E, destaca que estas podem ser agrupadas em dois blocos de análise: - “as ajudas em espécie/ serviços e as ajudas em dinheiro ou patrimônio [...]” (VASCONCELOS, 2002, p. 509 apud LIMA, 2006, p.41).

Assim o idoso passa a ser o suporte financeiro da família, e isto só é possível porque este é atendido por políticas de proteção que marcam um novo tempo da população idosa, esta passa de receptora de ajuda para doadora. Neste entendimento, as famílias buscam entre seus membros a ajuda necessária para desenvolvimento e conquista de espaços, principalmente para a mulher, esta que reivindica e cada vez mais procura potencializar seu trabalho fora do lar.

Tóbio diz que

Las relaciones intergeneracionales están desempeñando um papel fundamental en un periodo de un rápido aumento de la incorporación de las mujeres al mercado laboral y en un contexto de escasos servicios públicos para el cuidado de los niños.(TÓBIO, 2008, p. 101).

A solidariedade familiar por parte dos idosos, conforme pesquisas⁵ realizadas mostram que 50% dos idosos brasileiros sustentam seus lares e ajudam a família mesmo que não vivendo junto. Esta ajuda é possível com o benefício da previdência social através da aposentadoria e com o Benefício de Prestação Continuada - BPC, no caso de ajuda financeira e caso de ajuda material no cuidado com os netos e trabalhos domésticos.

No entanto, muitas das pesquisas que se têm realizado em relação à ajuda dos idosos destacam o posicionamento dos mais velhos como receptores de ajuda, dando pouca importância ao seu potencial de cuidadores e provedores de cuidados aos familiares. Assim há um destaque de solidariedade somente por parte dos filhos que ajudam os pais em casos de velhice e incapacidade física. Para tanto a solidariedade familiar acontece para ambas às partes e vai depender da história de cada família.

Peixoto expõe que

⁵ Pesquisas realizadas pelo SESC Nacional e SESC SP e Fundação Perseu Abramo em 2006 sobre os Idosos no Brasil. Para integra da pesquisa acessar os sites www.fpa.org.br, www.sesc.com.br ou www.sescsp.org.br.

[...] a solidariedade familiar é um conjunto de direitos e deveres arranjos e rearranjos que se expressam através de sentimentos e apoios diversos. A solidariedade tem assim, uma dimensão material e outra afetiva, que, juntas, constituem a base das relações familiares. É em função da situação social dos doadores e recebedores que se forma o circuito das solidariedades e das transmissões de gerações, elementos centrais da reprodução familiar. (PEIXOTO, 2005 p. 225).

Neste entendimento de solidariedade familiar, a dinâmica familiar é que irá determinar a importância ou não da ajuda dos avós. Os avós são bem vindos porque oferecem o apoio familiar ao estar com o neto. Por outro lado há o controle em relação ao que se pode ou não fazer, ou seja, questão de limite, os pais querem que os avós cuidem, mas não eduquem conforme o desejo dos avós. Neste aspecto gera conflitos que muitas vezes demoram a serem solucionados.

Atualmente há um grande contingente de netos que moram com avós, por vários motivos, entre eles o fato de ter uma relativa independência (longe dos pais) para não pagar aluguel ou sair da casa dos pais por desentendimento afetivo, estudar fora, ou em casos especiais quando o Juiz determina⁶ que a guarda do neto fica com os avós ou quando os pais só pegam os filhos aos finais de semana, devido sua rotina de trabalho.

Dentro deste contexto, a convivência torna-se cotidiana e os avós ao ficarem com os netos recebem responsabilidades e cuidados que até então não era necessário como, por exemplo, levar a escola, cuidar da alimentação, em muitos casos colocar para dormir, etc.

Assim, mesmo que não residindo com seus filhos, estes recebem a responsabilidade de estar com os netos no período em que os pais trabalham.

⁶Pesquisa em andamento realizada pela Prof^a. Dra^a Marli Palma do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Em casos quando o Juiz determina acontece quando os pais por motivos de doenças; uso de entorpecentes (álcool e drogas), violência doméstica, abuso sexual e na falta deles por motivo de morte ou prisão. Isto acontece mais nas famílias com poder aquisitivo mais baixo. Desta forma, os avós não se responsabilizam como “babás” e sim como pais dos seus netos.

Cuidar dos netos na ausência dos pais passa a ocupar espaço importante, principalmente pela natureza cuidadora da mulher. (CASTILHO, 2007)

Se pensarmos em limites físicos o assunto é bem mais complexo. O idoso mesmo que com as novas tecnologias e meios de acesso a saúde não tem a mesma disponibilidade e disposição para realizar tarefas que realizava quando mais jovem, quando eram pais de seus filhos menores. Por isso é necessário que haja negociações entre as famílias.

Desta forma, a convivência passa a ser de avos com obrigações de pais, como colocar para dormir, levar a escola, dar banho, se precisar levar ao médico, entre outras atividades relacionadas a esta geração. As gerações passam a ter convivência continua e rotineira, pode-se falar em inversão de papéis, os pais ocupam o lugar dos avôs e os avos dos pais⁷.

Na visão de Tóbio (2008) na França e Espanha nos anos 40 e 50 o cuidado em relação aos netos se dava em momentos de maior necessidade, atualmente nestes dois países é normal cuidar dos netos. Conforme o autor

Antiguamente, recurrir a los abuelos para cuidar de los niños era una opción para periodos de necesidad (tiempos de guerra, muerte de los padres, divorcio, etc.); El cambio se advierte en que hoy en día este parece ser un recurso común en la vida cotidiana.(TÓBIO, 2008 p. 97).

Neste aspecto é necessário verificar a autonomia e liberdade do idoso em relação à família e a sociedade. Ao exercer o papel de “babá”⁸ de seus netos os idosos deixam de viver a sua vida, conforme seus princípios e suas escolhas. A autonomia do idoso é um direito que deve ser respeitado, no entanto na família muitas vezes só é exercida quando este tem o comando do dinheiro e quando não dependem do filho para morar. É necessário que a autonomia do idoso seja refletida primeiramente junto à família. (BRUNO, 2003)

Por autonomia entende-se como processo de decidir seus próprios caminhos e liberdade de ir e vir e principalmente de viver esta fase da vida com dignidade (FALEIROS, 2007), pois os idosos já criaram seus filhos e nesta etapa da vida

⁷ Grifo da autora

⁸ Grifo da autora.

pretendem viver o tempo presente fazendo algo que goste, por exemplo, participar de grupos, viajar e ficar sim com os netos, mas não com a responsabilidade de cuidar, mas de se envolver com as gerações mais novas em uma troca de experiências e conhecimento com respeito mútuo.

Conforme Faleiros,

A dignidade e a autonomia são questões que se propõem a sociedade e a família... Na família, que hoje convive com varias gerações, é fundamental que a autonomia e a cidadania envolvam essa condição objetiva e a relação subjetiva de consciência da necessidade mutua para que se construa o respeito. Sem respeito não se promovem a dignidade e autonomia (FALEIROS, 2007, p.161-162).

A autonomia é um direito e deve estar sempre presente independente de idade. No caso dos idosos esta se faz necessário para o convívio social e auto-estima. Os idosos quando dispõem de autonomia sentem-se pertencentes de uma sociedade. A autonomia está ligada a dignidade, poder decidir o que fazer e como fazer é um fator importante quando se trata de idosos ativos. No entanto, para que isto aconteça é necessário entender o envelhecimento e principalmente entender os idosos, estes possuem demandas específicas que devem ser respeitadas.

Camarano coloca que

[...] muito embora se reconheça que os idosos têm demandas específicas, diferenciadas tanto por idade quanto por sexo, para se alcançar “uma sociedade para todas as idades”, como preconizado pelas Nações Unidas, uma política para a população idosa deve estar inserida em uma política de desenvolvimento sustentável, objetivando aumentar o bem-estar de toda a população. Os idosos não vivem isolados e o seu bem-estar está intimamente ligado ao da sociedade como um todo. (CAMARANO, 2002, p.593).

É esta uma questão fundamental que remete às condições de vida do idoso pobre, que sobrevive sem visibilidade social e com baixa auto-estima, destituída de direitos e de oportunidades, por conta do sistema capitalista injusto ao qual estão inseridos, e que ideologicamente a responsabilidade do insucesso, ou seu fracasso é sobreposto ao cidadão, a culpa é imposta sobre o individuo, não sobre o sistema.

A questão de classe também interfere na vida dos idosos. Os idosos com poder aquisitivo mais elevado conseguem ter mais acesso aos bens culturais, como teatro, cinema, shows e até mesmo nas relações familiares. Podem optar por ficar em instituições especializadas porque possuem condições de pagar, ou então na própria casa com pessoal especializado, por exemplo, os cuidadores de idosos domiciliares.

Já o idoso “pobre” não tem acesso igual ao idoso “rico”. E outro fator importante é a renda, que em muitos casos é o idoso que sustenta a família somente com o auxílio do BPC ou com aposentadoria no valor de um salário mínimo. Neste caso o idoso pode ser tanto um empecilho como uma solução para as famílias.

Conforme Sarti, as famílias pobres estão mais vulneráveis às mudanças da sociedade. (SARTI, 2003) Isso se dá devido à situação de vulnerabilidade social e total abandono por parte do Estado na garantia de direitos e proteção social.

No entanto, o século XXI traz outra concepção de velhice, tentando transpor alguns paradigmas, preconceitos e rompendo com a idéia fantasiosa de que só existem idosos abandonados, miseráveis, doentes, morando nos asilos. Como se o universo de idosos fossem compostos só por essa amostra que é real, mas que não corresponde com a totalidade. Um olhar ampliado desvela idosos atuantes, portadores de uma nova identidade, criadora de uma nova economia, de uma nova sociedade e de uma nova cultura, que interessa a todas as gerações. (MALTEMPI, 2004).

É dentro deste contexto de idosos ativos que será exposto a questão das relações intergeracionais e de que forma os idosos estão sendo vistos pelas famílias em meio às mudanças econômicas e sociais. Ou seja, qual é o papel dos idosos quando moram ou não com as famílias.

CAPÍTULO II

3. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: OS IDOSOS DO SESC E SUAS FAMÍLIAS

Nesta sessão, será realizada uma breve caracterização do SESC, Instituição na qual está vinculada a investigação. Tem como finalidade adentrar no campo específico de estágio e da realização da investigação, vinculado ao tema proposto neste trabalho, bem como sobre os procedimentos utilizados para tal. Em seguida serão expostos os resultados desse processo investigativo, como parte do trabalho desenvolvido como estagiária do SESC.

3.1. O SESC como campo de estágio e de investigação

O SESC faz parte da Confederação Nacional do Comércio - CNC, que abriga o Sesi, SESC e Senac. O SESC, entidade de caráter privado, está presente nos 26 estados da União e no Distrito Federal com uma estrutura descentralizada e autônoma, tanto para a gestão como para a criação e execução de projetos e atividades, orientadas por diretrizes propostas pelo Departamento Nacional e aprovadas pelo Conselho Nacional do SESC⁹.

Foi criado em 13 de setembro de 1946, após o Presidente Nacional o General Eurico Gaspar Dutra assinar o Decreto-Lei nº 9.853, na cidade do Rio de Janeiro, e o primeiro presidente desta instituição foi João Daudt d' Oliveira. Considerado o grande idealizador de uma instituição, que não apenas aliviasse as mazelas individuais, mas trouxesse transformações e progresso social.¹⁰

No ano de 1963, o Trabalho Social com Idosos iniciou no SESC de São Paulo, através da criação de um grupo de idosos, com o objetivo de atender suas necessidades de convivência, de atenção, de cuidado e de amparo, tendo uma perspectiva assistencial. A iniciativa partiu de uma equipe de técnicos da entidade,

⁹ Site oficial do SESC.

¹⁰ <http://www.sesc.com.br/main.asp?ViewID={0E4EF841-0848-459A-BC2A-F7C917C6EBD8}&u=u> (acessado em 14/04/2011).

após visita aos EUA, onde conheceram avançados equipamentos de lazer utilizados por pessoas dessa faixa etária.¹¹

Já em Santa Catarina o SESC iniciou suas atividades em Florianópolis, com a criação do Conselho Regional, em 29 de setembro de 1948, seu presidente era Charles Edgar Moritz. A diretriz nacional da época visava apenas atendimento médico e odontológico, de proteção a maternidade, assistência a infância e combate a tuberculose. Em pouco tempo a demanda de atendimento ampliou-se e novas unidades operacionais foram abertas, como a de Joinville e Laguna, no ano seguinte e Blumenau em 1950.¹²

Nas décadas de 60 e 70 outros núcleos foram instalados em várias partes do Estado. Hoje, o SESC possui 16 centros de atividades, dois hotéis (Cacupé/Florianópolis e Blumenau) e a Pousada Rural (Lages).

O SESC,

É uma instituição de direito privado com sede e foro na Capital da República, organizado e dirigido pela Confederação Nacional do Comércio, tem por finalidade estudar, planejar e executar medidas que contribuam para o bem-estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciantes e suas famílias e, bem assim, para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade, através de uma ação educativa que, partindo da realidade social do país, exercite os indivíduos e os grupos para adequada e solidária integração numa sociedade democrática, na execução de seus objetivos (Regimento do SESC – Resolução CNC nº 24/68).

O SESC é mantido pelos empresários do comércio de bens e serviços, é uma entidade voltada para o bem-estar social de sua clientela, não depende de nenhuma das três esferas de governo. É mantida através da contribuição mensal dos estabelecimentos comerciais (empresariados do comércio de bens e serviços), classificada como entidade sindical subordinada à confederação Nacional do Comércio.¹³

A partir das diretrizes do SESC expõem-se as finalidades e objetivos

¹¹ Site oficial do SESC.

¹² Site oficial do SESC.

¹³ Site oficial do SESC.

- 1 - Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores no comércio e seus dependentes;
- 2 - Contribuir, no âmbito de suas áreas de ação, para o desenvolvimento econômico e social, participando do esforço coletivo para assegurar melhores condições de vida para todos. (Diretrizes Gerais de Ação do SESC, 2009).

Entenda-se por qualidade de vida as condições materiais e imateriais da existência do trabalhador e de sua família, as condições de emprego e de salário que garantem essas condições e o estado físico, psíquico e social dos componentes do grupo familiar. (Diretrizes Gerais de Ação do SESC, 2009).

Objetivos gerais e específicos.

Para alcançar as finalidades são necessários os seguintes objetivos

- 1 - Fortalecer, através da ação educativa, propositiva e transformadora, a capacidade dos indivíduos para buscarem, eles mesmos, a melhoria de suas condições de vida;
- 2 - Oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua qualidade de vida;
- 3 - Contribuir para o aperfeiçoamento, enriquecimento e difusão da produção cultural. (Diretrizes Gerais de Ação do SESC, 2009).

Tem como Missão Promover ações de excelência nas áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência, que priorizem o caráter educativo e social e que contribuam com a sociedade para a melhoria da qualidade de vida, preferencialmente dos comerciários e seus dependentes.

Os principais campos de atuação são: Assistência, Cultura, Educação, Lazer e Saúde. O Serviço Social dentro da organização SESC/Florianópolis está localizado no Setor de Grupos, na atuação com idosos, em grupos, projetos específicos e grupos de outras faixas etárias.

Neste sentido as atribuições do Assistente Social pautam-se no Programa Trabalho Social com Idosos, objetiva aprendizado, desenvolvimento da autonomia, melhoria nas relações pessoais, interpessoais e valorização da auto-estima.

Tem como objetivos específicos: socializar informações, promover a valorização da auto-estima e autoconfiança, proporcionarem convívio social, realizar

intercâmbio cultural, aumentar o círculo de convivência e de amizades, busca-se estimular os potenciais e a participação efetiva dos idosos.

Dentro da organização SESC/Florianópolis o Serviço Social trabalha com os idosos, comerciários ou dependentes, além de pessoas da comunidade. A atuação da Assistente Social está em projetos sócio-assistenciais com ações sócio-educativas, que tem como norte a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso e conhecimentos produzidos pela gerontologia.

Conforme explica Ferreira

[...] o Estágio Curricular está inserido na estrutura do Currículo do Curso de Serviço Social, assim como as disciplinas de Processo de Trabalho, buscam aproximar os alunos da prática do exercício profissional. Pois, compreende-se a importância do estágio, conforme Yamamoto (2007:283) “que implica a inserção do aluno no espaço sócio-ocupacional, tendo em vista a capacitação para o exercício do trabalho profissional, o que requer supervisão acadêmica e profissional sistemática (...)”, cria-se dessa maneira a oportunidade do estagiário de acompanhar o cotidiano profissional e de certa forma vivenciá-lo. (FERREIRA, 2010, p. 20)

De acordo com o regulamento de estágio do Curso de Serviço Social da UFSC

[...] o estágio tem por finalidade contribuir para: I) a capacitação crítico-analítica necessária ao processo de formação no que diz respeito especialmente ao deciframento das particularidades sócio-institucionais e à elaboração criativa de estratégias de intervenção, comprometidas com as proposições ético-políticas do projeto profissional; II) o desenvolvimento de postura investigativa como inerente à sistematização teórico-prática do exercício profissional, em relação à realidade social e às mediações que perpassam o exercício profissional; (...). (REGULAMENTO DE ESTÁGIO – CURSO DE SERVIÇO SOCIAL, 2008, p.1)

Nesse sentido o estágio faz parte do processo de formação profissional, que permite o constante aperfeiçoamento da prática profissional, oportunizando a capacitação teórico-metodológica, “que permita ao profissional compreender a realidade social no seu movimento estrutural e conjuntural” (OLIVEIRA, 2004, p. 61).

Assim, o estágio curricular para a formação de Assistentes Sociais, é um espaço de oportunidades para aproximações com a experiência profissional. Através de uma dinâmica própria, as Instituições e a população atendida por elas permitem

ao acadêmico a sua entrada no mundo profissional, vivenciando dificuldades e aprendendo a superá-las.

Por isso é importante que o estagiário esteja sempre atento às novas demandas que surgem no decorrer das atividades e de suas rotinas buscando embasamento nas leituras e debates com profissionais e responsáveis pela supervisão no sentido de orientar o fazer profissional.

O Serviço Social do Comercio - SESC/Unidade de Florianópolis como campo de estágio do departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina iniciou suas atividades na década de 70 especificamente no ano de 1978. Desde então e até o ano de 1998 o setor esteve apenas com uma estagiária, passando para duas vagas no ano de 1998, o que perdurou até 2009. Já no ano de 2009, com o aumento da demanda de trabalho no setor e a implementação do Projeto SESC Idoso Empreendedor, o número de estagiarias aumentou passando para três vagas no setor.

Através das atividades desenvolvidas enquanto estagiária no decorrer do Estágio Não Obrigatório II no semestre de 2010/2 e no Estágio Obrigatório I 2011/1 o interesse pela temática da intergeracionalidade foi se consolidado e no Estágio Obrigatório II de 2011/2 pode-se realizar a investigação em pauta, no contexto do Trabalho Social com Idosos desenvolvido pelo SESC/Unidade Florianópolis.

A inserção do acadêmico no campo de estágio permite que ele visualize o processo de trabalho do Assistente Social. De acordo com o campo sócio-ocupacional e a dinâmica instaurada a partir do público atendido ele desenvolverá competências e habilidades que alicerçarão a sua formação profissional. Para Oliveira o estágio é o espaço para

Oportunizar ao aluno o estabelecimento de relações mediatas entre o os conhecimentos teóricos e o trabalho profissional, a capacitação técnico-operativa e o desenvolvimento de habilidades necessárias ao exercício profissional, bem como o reconhecimento da articulação da prática do Serviço Social e o contexto político-econômico-cultural das relações sociais. (OLIVEIRA, 2004, p. 66).

O Serviço Social do SESC efetua sua prática no trabalho social com grupos de idosos e projetos, o qual traz características específicas para serem consideradas

na elaboração das ações, bem como o desenvolvimento de um instrumental técnico-operativo que propicia o pleno desenvolvimento do fazer profissional.

Assim, o

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, [...]. (Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008).

Portanto, o estágio favorece uma prática para os estagiários, que possibilitam estabelecer mediações que respeitem a realidade posta, e que objetive atender as demandas dos usuários, de maneira comprometida, tendo como horizonte a construção do protagonismo dos sujeitos.

3.1.1 A experiência de estágio curricular e a construção da investigação

A integração da estagiária no campo do fazer profissional realizou-se no Setor de Grupos, que objetiva o trabalho social com idosos através dos Grupos Interativos, Grupos de Interesse e do Projeto SESC Idoso Empreendedor. Como parte de suas atividades estavam também às reuniões de planejamento, que visam à construção de propostas para o desenvolvimento das ações do Serviço Social, bem como a avaliação do trabalho desenvolvido, além das reuniões de supervisão.

Desta forma, o estágio propiciou o primeiro contato com o tema do idoso. No acompanhamento do Projeto Idoso Empreendedor e dos Grupos Interativos, verificou-se através de um processo de observação, que muitas ausências dos idosos nas atividades dos grupos, a não realização de tarefas e pesquisas em casa, a não participação em pesquisas eram justificadas pelo compromisso com atividades domésticas.

professora ¹⁴acho que vou desistir do curso, tenho que ficar com minha neta, minha filha paga uma pessoa só pela manhã, mas a tarde eu que fico também tenho que levar e pegar na escola às 5hs é tudo correndo, pra mim não dá, aí fica difícil eu vir pra cá e deixar minha filha na mão. (informação verbal do momento da roda de conversa).

Esta senhora ao relatar sua situação, fez com que outras integrantes se colocassem e relatassem à mesma situação ou algo parecido. Este momento foi importante porque todos falaram, inclusive os idosos homens que participam do projeto.

Esse processo de observação foi importante tanto para entender o que estava acontecendo, como para reconhecer como a observação e as demais técnicas e instrumentos, bem como a elaboração de registros e relatórios é primordial para o fazer profissional. Ou seja, para conhecer e compreender a realidade na qual se desenvolve a ação profissional buscando romper com a aparência e aproximar-se da essência da realidade observada.

Nesse sentido Sarmento diz que

A técnica é concebida como criação do homem, na medida em que este procura satisfazer suas necessidades. Sendo uma criação do homem, é através da técnica que ele faz com que seu conhecimento opere, objetive-se, sobre as coisas. (SARMENTO, 2005, p.2).

Assim, a observação, as entrevistas, visitas domiciliares, relação com usuário, etc., fazem parte do arsenal de trabalho do profissional de serviço social. Através destas ferramentas, objetiva-se identificar as características e as necessidades dos sujeitos, para poder encaminhá-lo e atender as suas demandas.

A partir desse processo decidiu-se pela realização de um estudo mais aprofundado sobre as relações familiares dos idosos, especialmente as intergeracionais, na perspectiva de compreender como os idosos inserem-se nas suas famílias e como acontece esse processo.

A decisão por realizar um estudo dessa natureza foi facilitada pelo tema comemorativo do aniversário de 65 anos do SESC no ano 2011: **Relações**

¹⁴ Professora é a maneira que os idosos se manifestam para chamar a estagiária de Serviço Social, para a Instituição a designação é monitora.

Familiares. E também na comemoração ao mês do idoso (outubro de 2011), com a proposta do tema “*Há quantas andam as relações familiares*”¹⁵ para as oficinas dos grupos. Essas condições foram tomadas como possibilidade de implementação do estudo desejado e para tanto se estabeleceu a metodologia de trabalho.

3.1.2 O processo de Investigação

Uma vez decidida à realização do estudo no contexto das atividades do SESC, foram definidos dois instrumentos para a coleta de dados sobre a temática em questão: o diário de campo e o relatório das oficinas propostas pela instituição. Quanto ao diário de campo, estes foram elaborados no decorrer do acompanhamento dos grupos como parte do instrumental técnico da estagiária. O diário de campo registra a ação diária, com dados específicos, pode ser um importante documento para o registro de atividades e futuramente usado para pesquisas científicas.

Já os relatórios foram realizados ao final de cada oficina. Os relatórios buscam exercitar o instrumental da informação, que trata da sistematização dos dados do cotidiano profissional. Implica assim a utilização dos instrumentais para a aprendizagem e percepção, para a compreensão da realidade, sempre numa visão crítica, respeitando as diversidades, e estudando essas especificidades como forma de trazer respostas a essa realidade.

A sistematização da prática, construção de relatórios “se constitui numa etapa fundamental das elaborações teóricas dentro da profissão” (ALMEIDA, 2006, p. 403). Nesse sentido, a sistematização como um componente central do trabalho do assistente social não significa, portanto, apenas a geração de dados e informações, mas “um processo que envolve a produção, organização e análise dos mesmos a partir de uma postura crítico-investigativa”. (ALMEIDA, 1995).

As oficinas aconteceram da seguinte forma: iniciou-se com um vídeo sobre a família, para isso utilizou-se o vídeo de um programa de televisão com um episódio

¹⁵ Este tema faz parte do projeto realizado pela Assistente Social Arlei Souza Borges em comemoração ao mês do Idoso em outubro de 2011.

da Grande Família intitulado Os Espaçosos¹⁶. O programa retrata de forma lúdica e ao mesmo tempo reflexiva da família moderna, sua relação intergeracional e como se dá às relações familiares desde conflitos, proteção até a solidariedade.

Após o vídeo o grande grupo foi dividido em subgrupos com quatro pessoas cada. Para isto foi utilizado uma dinâmica de movimentação, todas as pessoas procuraram seus companheiros através de cores, assim cada grupo teve uma cor: amarelo, branco, etc. Em seguida, cada grupo recebeu orientação da estagiária, todos os grupos deveriam conversar entre si sobre a família de hoje e há de seu tempo e após apresentar no grande grupo.

Para realizar a apresentação ao grande grupo os idosos poderiam dramatizar, contar uma história, escrever. Para esta ação os grupos tiveram trinta minutos. Ao término dos trinta minutos os subgrupos apresentaram na grande roda.

Foi desta forma, que encontramos uma maneira de falar em família e possibilitar que os idosos ficassem a vontade para falar, já que para eles falar em família é um assunto complexo, nem todos gostam de se expor. O processo de grupo garante um exercício de cidadania aos idosos, incentiva sua autodeterminação e autonomia, como também a troca de informações e orientações importantes para reconstruírem aspectos do seu contexto de vida.

Para os idosos os grupos não são somente espaços de convivência, é um espaço de grande importância, pois é neste momento que eles participam socialmente, fazendo amizades, tendo acesso ao lazer, à saúde física e emocional, superando o isolamento social e a solidão e também trocando experiências e histórias de vida.

A dinâmica de grupo é um importante aliado para a realização da oficina, um recurso que pode ser utilizado pelo Assistente Social em diferentes momentos de sua intervenção. Para levantar um debate sobre determinado tema com um número maior de usuários, bem como atender um maior número de pessoas que estejam vivenciando situações parecidas. (SOUZA, 2008).

É importante ressaltar que o profissional deve ter a competência teórico-metodológica para poder intervir. De acordo com Souza,

¹⁶ Programa exibido na rede Globo na quinta-feira do dia 15/09/2011, também disponível no youtube acessado no dia 18/09/2011.

[...] o profissional deve ser qualificado para conhecer a realidade social, política, econômica e cultural com a qual trabalha. Para isso, faz-se necessário um intenso rigor teórico e metodológico, que lhe permita enxergar a dinâmica da sociedade para além dos fenômenos aparentes, buscando apreender sua essência, seu movimento e as possibilidades de construção de novas possibilidades profissionais. (SOUZA, 2008, p. 122).

Ao término de cada oficina foi realizado um registro e um relatório técnico com a finalidade de documentar e utilizar as falas verbais neste trabalho. O registro é mais um dos instrumentais utilizados pelos profissionais de Serviço Social no sentido de documentar a ação cotidiana. Outro instrumental utilizado e já exposto foi o relatório.

Para situar os sujeitos deste processo investigativo, solicitou-se aos 50 idosos participantes das oficinas o preenchimento dos dados referentes à idade, sexo e renda familiar. Assim, após a coleta de dados, as informações foram sistematizadas e fazem parte da construção da análise deste trabalho que será exposto nos itens a seguir.

3.2- Os idosos e as suas famílias

Nos itens a seguir será exposto o resultado da investigação deste trabalho com os relatos das falas dos idosos envolvidos. Portanto, não será informado o nome dos idosos, somente idade e sexo. Para esta amostra foram detectados 50 idosos entre homens e mulheres. Assim segue a exposição da investigação com o primeiro item intitulado Identificação Pessoal.

3.2.1 Idosos participantes das oficinas do SESC e seu perfil

Através da metodologia utilizada já exposta neste trabalho, foi realizada a identificação dos idosos participantes das atividades do SESC no ano de 2011. A coleta de dados foi realizada através das oficinas. Portanto, participaram das

oficinas três Grupos Interativos e dois Grupos do Projeto SESC Idoso Empreendedor totalizando 50 idosos.

Desta forma, foi possível verificar o perfil dos idosos participantes dos grupos do SESC no ano de 2011. Assim, de acordo com o levantamento dos dados segue no gráfico a seguir a faixa etária dos idosos participantes das oficinas e da investigação no ano de 2011.

3.2.1.1 Idosos por faixas etárias

Na investigação foi possível identificar a faixa etária dos idosos, portanto os números expostos neste trabalho referem-se aos idosos participantes das oficinas realizadas nos grupos de SESC.

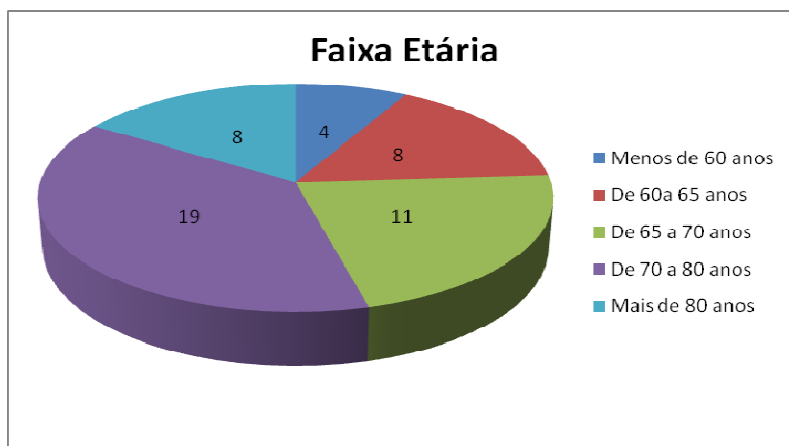


Gráfico 06: Faixa etária dos idosos participantes das oficinas 2011
Fonte: SESC 2011.

Verificando o gráfico percebe-se que os idosos entre 70 e 80 anos predominaram sobre as demais idades. Esta característica se dá principalmente nos Grupos Interativos onde os idosos já estão a mais tempo nas atividades, como tem casos de idosas que freqüentam há 20 anos o SESC, ou seja, desde os 60 anos.

Outro fator identificado em relação à idade são os idosos com idade acima de 80 anos. De 50 idosos, 8 estão nesta faixa etária, igualando a faixa etária entre 60 e 65 anos, também com 8. Com o novo olhar sobre a velhice e os avanços principalmente na área da saúde, o Brasil vem aumentando o número de idosos com 80 anos e vai redefinindo papéis na sociedade no que tange aos idosos ativos.

Já na faixa etária entre 65 e 70 anos, encontramos 11 idosos. Na faixa etária com menos de 60 anos encontrou-se somente 4 idosos, o que demonstra que o SESC prioriza o trabalho com idosos a partir de 60 anos. A Instituição considera idoso aquele que possui 60 anos ou mais conforme determina a PNI e o Estatuto do Idoso.

3.2.1.2 Idosos por sexo

No que se referem, ao sexo as idosas estão em maioria nos grupos. Tanto no Projeto SESC Idoso Empreendedor quanto nos Grupos Interativos há mais mulheres do que homens. É o que se verifica na investigação exposto no gráfico abaixo.

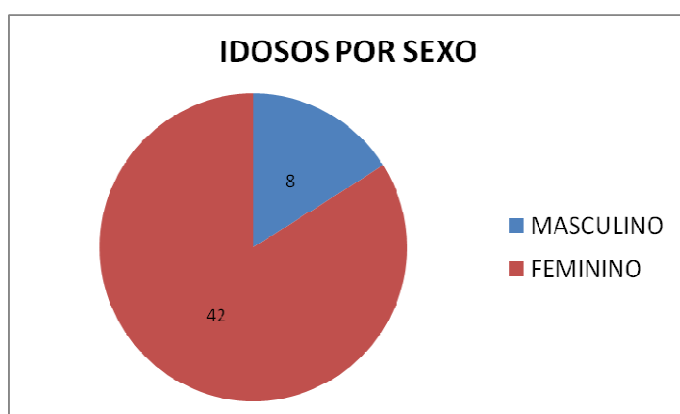


Gráfico 07: Idosos por sexo participante das oficinas 2011
Fonte: SESC 2011

O gráfico demonstra uma realidade nos grupos, dos 50 idosos participantes das oficinas, somente 8 são homens e em maioria significativa de mulheres em número de 42. Estes dados vêm em encontro à questão brasileira do envelhecimento feminino e também em relação à participação das mulheres nas atividades de grupos.

Segundo dados do IBGE 2010, o número de mulheres idosas é cada vez maior e a tendência é aumentar cada vez mais. As mulheres por particularidades como o cuidado com a saúde e o bem estar envelhecem mais tarde, diferentemente dos homens, isto se destaca também na questão da participação em grupos.

O fato de ter mais mulheres nos grupos do que homem também é observado pelas mulheres que participam dos grupos. Quando realizadas atividades em que envolve dança estas explicitam o fato de não ter homem para dançar. “Falta homem aqui eu não danço com mulher assim não tem graça”, é o que fala uma das participantes do Grupo Interativo.

No entanto para muitas este não é o problema, elas querem se divertir e aproveitar o momento e a convivência com as demais: “eu não vejo problema em dançar mulher com mulher não tenho preconceito o que importa é se divertir e dar risadas”, falou uma outra participante do Grupo Interativo.

3.2.1.3 Idosos: escolaridade e diferenças entre gêneros

A educação para os idosos é importante, mesmo para aqueles que não estudaram e hoje defendem que estudar é a melhor coisa que existe. As mulheres que não estudaram incentivam os filhos a estudar, pois para elas é o meio para uma vida melhor. Destaca-se que a escolaridade é uma importante ferramenta para a promoção da autonomia da mulher. Desta forma, a escolaridade foi outro fator identificado na investigação com os idosos participantes das oficinas, destacando que as mulheres são menos escolarizadas que os homens.

Para os idosos o fato de não estudar determinou o modo de vida e também determinou o nível de autonomia na família, bem como as relações sociais. “Se eu tivesse estudado não estaria assim hoje, me sinto fora da casinha, fico muito envergonhada quando preciso escrever, eu troco as palavras me sinto uma pessoa burra” (idosa, 72 anos).

Para Faleiros (2007, p. 161) “o acesso a educação foi cerceado para boa parte da população idosa, principalmente a rural, ao longo da vida, reduzindo a sua cidadania.” Isto expressa o porquê de tantos idosos analfabetos e com grau de escolaridade baixa, é possível dizer que a educação era artigo de luxo, poucos tinham acesso.

No gráfico abaixo se identifica a questão da escolaridade dos idosos participantes desta investigação.

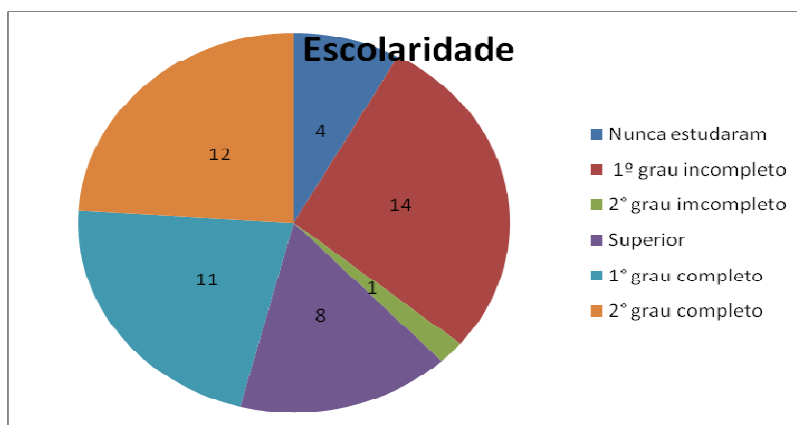


Gráfico 08: Escolaridade dos idosos participante das oficinas 2011
Fonte: SESC 2011.

Observando o gráfico percebe-se que os idosos estão em maioria no que tange ao ensino de primeiro grau incompleto com o número de 14 idosos. Isto se dá principalmente por parte das mulheres que em seus relatos colocam o porquê de não completar os estudos.

professora naquela época a gente tinha que casar logo e ter filho, que estudar, meu pai falou um dia, estudar pra que, vai cuidar da casa, ele era machista. (depoimento oral, idosa 77 anos).

Ao verificar esta fala, fica claro entender o porquê da escolaridade. Estas viviam em outra época, com uma cultura machista. A mulher era vista como reprodutora, os homens trabalhavam e as mulheres cuidavam da casa e dos filhos e também casavam mais cedo do que atualmente. Desta forma o estudo ficava em segundo plano, somente conseguis estudar quem conseguisse sair da casa dos pais. De acordo com o IBGE

A escolaridade dos idosos é baixa, principalmente entre as mulheres. Mais uma vez, se pode atribuir este resultado às características da sociedade e às políticas de educação prevaletentes nas décadas de 1930 e 1940, quando o acesso à escola era ainda muito restrito. (IBGE, 2002).

No entanto em alguns casos há um conflito entre as gerações, mesmo que naquela época algumas idosas lutaram para estudar, sair de casa e viver de acordo

com suas escolhas, decidir por si mesma sem o controle do pai. Esta situação de conflito familiar pode ser percebida no relato a seguir:

minha família quando eu era jovem era muito difícil, o pai muito machista, não deixava fazer nada, nem estudar, meu sonho sempre foi de estudar e não desisti dele. Formei-me professora e cuidei da minha vida, meu pai não gostou nada disto, mas eu fui contra ele. Aquele tempo não tinha amor, os homens só queriam fazer filho eu nunca ganhei um abraço do meu pai e minha mãe não tinha tempo, minha mãe coitada era um capacho e eu não queria isso pra mim. (idosa, 77 anos).

Através deste relato é possível identificar dois momentos, o primeiro é em relação a uma época em que a mulher não se expressava, o pai determinava as regras, as mulheres obedeciam ou ao pai ou ao marido, a questão da liberdade era muito controlada. Quem conseguisse sair desta situação, muitas vezes era deserdada pelo pai.

Neste aspecto entra o segundo momento, em que a mulher consegue realizar um sonho ou não cumprir uma regra de casar, ter filhos e cuidar da casa e sim de estudar, se formar e depois pensar em casar.

Outro fator a ser considerado é em relação ao papel da mulher como cuidadora de seus familiares. Conforme fala de uma idosa “eu sempre quis estudar, mais quando criança cuidava dos meus irmãos e quando jovem cuidei da minha mãe até morrer e agora cuido do meu pai”. Esta fala representa a solidariedade familiar e a abdicação da idosa para com os estudos em função da família.

De acordo com Donfut (2004, p. 101) “cuidar dos outros faz parte do papel tradicional da mulher”. Para a mesma autora com o aumento das gerações este papel se amplia. Assim, a mulher não só cuida de um, mais de mais membros da família, como pai, mãe, filhos e netos.

3.2.1.4 Idosos e trajetórias sociais: diferenças entre eles e elas

De acordo com Donfut (2004) as diferenças entre homens e mulheres se aprofundam ao longo do envelhecimento. Para a mesma autora, as mulheres

envelhecem em condições desfavoráveis, no entanto vivem mais que os homens. Constata-se que no Brasil acontece a chamada feminização da velhice.

Os idosos homens e mulheres têm trajetórias sociais diferentes, as mulheres foram encaminhadas para a vida doméstica e os homens para o mercado de trabalho como provedores. No entanto a situação começa a mudar a partir da expansão da mulher nos anos 60. As mulheres conquistaram através do movimento feminista os espaços de participação e hoje estão inseridas em diversas atividades públicas, desde grupos, na família e programas para a terceira idade, como as Universidades. Já os homens continuam a moda tradicional de se encontrar nas praças e jardins e com a modernidade o shopping. (MOTTA, 2009 p: 21).

Este processo é relatado por uma das idosas:

hoje tudo mudou , graças a Deus a mulher expandiu , trabalha fora e casa para ter um companheiro e porque ela quer, a mulher sai , viaja, pensa e tem mais liberdade. (idosa, 75 anos).

Das idosas investigadas neste trabalho, 24 delas nunca trabalharam fora ou tiveram carteira assinada, fator determinado pela época em que viveram dentro da perspectiva de mulheres responsáveis pelo lar e para a reprodução, juntamente com a falta de estudo e não acesso as informações, o que também influencia neste aspecto.

Após ficarem viúvas, 7 idosas trabalharam fora como empregada doméstica, lavadeiras e costureiras. Estes trabalhos estão identificados nas idosas com aposentadoria mais baixa para complementar a renda. As idosas que possuem renda maior nunca trabalharam, o homem era quem provia financeiramente, estas cuidavam da casa e dos filhos e mais tarde também não trabalharam porque sempre se dedicaram a família. A experiência para conseguir um trabalho era exigida, no entanto, estas não obtinham. É o que relata uma das idosas:

[...] nunca trabalhei porque meu marido trabalhava e eu cuidava da casa e dos filhos depois que ele morreu fiquei com a pensão boa, ainda bem porque não sei fazer nada fora de casa. Quero dizer não tenho experiência e nem estudo para isso. (idosa, 63 anos).

No entanto, 7 das mulheres investigadas estudaram e trabalharam fora quando eram mais novas até a aposentadoria. Este trabalho na maioria dos casos era como professora. Para conseguir estudar elas optaram por sair de casa e viver na cidade, algumas incentivadas pelos pais, outras por conta própria.

na minha época ou a gente casava e morava no interior ou então estudava na cidade e ia ser professora. Eu lembro que não foi fácil mas eu não queria a mesma vida da minha mãe cheia de filhos e cuidando da casa. (idosa, 73 anos).

Para muitas idosas a participação nos Projetos e Grupos do SESC foi uma forma de sair de casa e vivenciar outras experiências. Percebe-se isto no relato de uma das idosas participantes do Projeto SESC Idoso Empreendedor:

sabe professora este Projeto me ajudou muito, nunca imaginei que faria novas amizades que iria mexer no computador, logo eu que só sei lavar e passar. To muito feliz em sair de casa e vir pra cá". (idosa, 71 anos).

A participação dos grupos faz com que as mulheres vivenciam outras experiências, realizam viagens, debatem assuntos como sexo, saúde, envelhecimento, casamento, família, solidão, saudades, desafios, expectativas e sonhos. Ou seja, fazem coisas que jamais fizeram enquanto casadas. Isto acontece quando uma percebe que a outra também passou ou passa por situação similar a dela. A convivência e a troca de experiências fazem com que estas se solidarizem umas com as outras. Como fala outra idosa:

sabe professora hoje em dia falam da melhor idade mas melhor idade pra quem , eu não acho porque agora que posso fazer o que quero não consigo por causa do corpo , se quero fazer ginástica dói tudo minhas pernas não agüentam, não posso viajar longe por causa da saúde porque me matava de trabalhar então não é a melhor idade. (idosa, 67 anos).

Quanto a esta colocação a idosa se refere à autonomia física, já que o processo de envelhecimento diz respeito a vivência de cada um. A saúde é um dos fatores que mais afeta na velhice. Portanto, as mulheres idosas que vivenciaram

rotinas de trabalhos árduos, com muitos filhos e pouco acesso a saúde estão mais propícias a ter problemas de saúde física.

De acordo com Doll,

[...] os idosos sofrem os efeitos de barreiras ao lazer advindos de três fontes. A primeira provém da sociedade , quando não oferece espaços para o lazer , por causa da imagem e do papel social atribuído aos idosos. A segunda diz respeito a impedimentos concretos dos idosos. Para realizar determinadas atividades, as pessoas precisam de certa competência e de certa *performance* , que podem ser prejudicadas por doença ou idade avançada. A terceira refere-se a resistências internas, muitas vezes provenientes do próprio imaginário dos idosos, que os impede de se envolver em certas atividades [...]. (DOLL, 2007, p. 111).

No entanto, há idosas que se identificam com a melhor idade por conseguirem fazer o que querem. Assim, faz parte da sua rotina passear, participar de grupos, realizarem atividades físicas, o que era considerado impossível fazer enquanto casadas e com filhos e também pelas condições financeiras. Percebido na fala na seguinte fala da idosa:

[...] eu acho que estou na melhor idade , eu viajo , faço amigos, vou onde quero, ninguém me manda, antes meu marido não saia de casa eu sempre quis viajar participar de grupos e ele não deixava, agora eu aproveito se me procurarem em casa não me acham to sempre fazendo alguma coisa, participo de três grupos , vou no cinema , namoro , brinco com todo mundo hoje eu sou feliz o fato de estar aqui é muito bom. (idosa, 70 anos).

Assim, nos grupos há mulheres que nunca trabalharam fora e que, portanto dependiam do marido, o que determinava a autonomia e liberdade. E mulheres que sempre trabalharam e que determinavam o seu tempo para os filhos, marido, trabalho e lazer, já que proviam ajuda financeira com seu salário.

De acordo com Goldani

[...] a continua entrada das mulheres brasileiras no mercado de trabalho, a melhoria de seus níveis de escolaridade e a queda na taxa de fecundidade contribuíram para sua maior autonomia e promoveram mudanças importantes em sua vidas e na das famílias". (GOLDANI, 2004, p.237).

Em meio às mudanças no universo feminino, os dados sobre composição geográfica e renda pessoal entre homens e mulheres ainda continua acentuado. Segundo pesquisas, quando as mulheres moram sozinhas a renda é baixa e em geral as mulheres são mais pobres. Desta forma, as diferenças entre homens e mulheres se acentuam ao longo do envelhecimento. (DONFUT, 2004).

3.2.1.5 Idosos: ocupação profissional e diferenças entre homens e mulheres

Trabalhar para os idosos sempre foi e será importante, estes defendem que o trabalho “dignifica o homem”. Os homens defendem que quando exercem algum tipo de trabalho ajuda nos movimentos físicos e na memória é o que fala um idoso homem de 68 anos: “sempre trabalhei desde novo e aprendi tudo na vida por causa do trabalho, tudo o que tenho na vida foi porque trabalhei hoje sou aposentado, mas continuo fazendo trabalhos em casa para me movimentar e cuidar da cabeça”.

Já em relação às mulheres o trabalho é uma forma de autonomia, tanto financeira quanto pessoal. No entanto, esta observação se dá por parte das mulheres que trabalharam fora e não por aquelas que sempre cuidaram da casa, do lar e de outros parentes.

Desta maneira, quanto à profissão através da investigação foi identificado que os idosos exerceram algum tipo de profissão, seja formal ou informal. No entanto, entre as mulheres o que predomina é o trabalho doméstico identificado neste estudo como *do lar*, ou seja, donas de casa.

O trabalho remunerado está mais evidente no segmento masculino do que no feminino. Os homens mesmo aposentados buscam um trabalho para se sentir útil para a sociedade e para a família. O fato de estar aposentado faz com que este pense que não tem mais utilidade, sente-se descartado. No entanto as mulheres estão mais evidentes do trabalho informal, com venda de cosméticos e roupas e também com a confecção de artesanato.

Segue os números detalhados na tabela a seguir em relação à profissão dos idosos investigados.

Tabela 03: Profissão dos idosos participantes das oficinas no ano de 2011
Fonte: SESC 2011.

Tabela das profissões	
Profissão	Quantidade
Do lar	24
Professora	07
Funcionário Público	08
Costureira	03
Comerciário	04
Agente Administrativo	02
Enfermeiros	02

No que se refere à profissão, esta está identificada ao período em que os idosos viviam. Enfatiza-se aqui o fato da mulher cuidar da casa e o homem trabalhar fora. Atualmente os idosos estão aposentados, as mulheres em geral realizam trabalhos manuais para complementar a renda.

As profissões também estão interligadas ao fator da escolaridade, isto é notável nas falas dos idosos ao dizer que “eu sou professora porque fiz magistério, na minha época era só isso que precisava”. E também na análise da tabela acima,

através de três profissões: professora, funcionário público e enfermeiro. No entanto, nem todos cursaram o ensino superior.

3.2.1.6 Idosos e renda pessoal

A renda dos idosos é considerada um ponto importante para o acesso a integração social. “Consigo fazer o que quero porque tenho renda própria não preciso do dinheiro de ninguém, se não tenho dinheiro não saio” é o que relata uma das idosas participantes dos grupos.

Através da investigação foi possível identificar a renda pessoal dos idosos, estas se caracterizam de diferentes formas, ou através da aposentadoria por idade, pensão no caso de morte do cônjuge ou pela profissão.

Segue abaixo discriminado a renda pessoal dos idosos investigados.

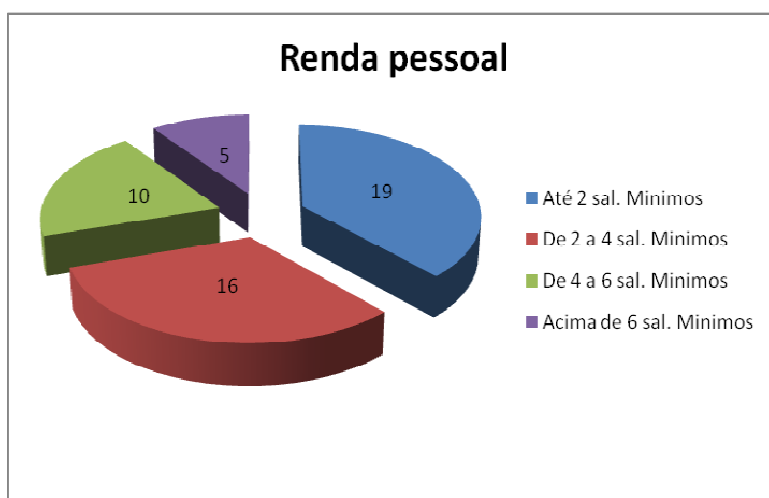


Gráfico 09: Renda pessoal dos idosos participante das oficinas 2011

Fonte: SESC 2011.

Ao analisar o gráfico, percebe-se que os idosos com renda até dois salários mínimos ¹⁷predominam. No entanto, de dois a quatro também possui número representativo. Estas rendas estão identificadas a aposentadoria por idade ou por trabalho como é o caso de enfermeiro e professor.

¹⁷ Considera-se para este estudo o valor de R\$ 545,00 para o salário mínimo vigente em 2011.

Em se tratando de quatro a seis e, acima de seis salários mínimos, esta renda está identificada a pensão do marido em casos especiais, militar, aposentados pelo Estado e funcionário público. Destaca-se que estes idosos representam a classe media alta da sociedade com renda elevada e com patrimônio considerável.

Estes idosos conseguem ter mais acesso ao lazer como viagens longas para países diferentes, acesso a saúde privada com planos com cobertura total, e buscam nos grupos do SESC a convivência e o aprendizado. “Venho para o SESC porque faço novas amizades e aprendo muito com todos, o trabalho que vocês fazem com os idosos é muito importante”. (idoso, 68 anos).

3.3 Os idosos e suas famílias

Segundo dado do IBGE 2010 aumentou o número de idosos que residem sozinhos e passam a ser pessoas de referência para o senso. O fator da aposentadoria está vinculado a esta situação, os idosos preferem morar sozinhos porque conseguem se manter com sua renda. Outro fator está ligado à autonomia dos idosos, estes quando aposentados ou viúvos defendem que é melhor permanecer no seu canto sossegados como fala de uma idosa : “Não troco minha paz por nada”.

Neste sentido, a investigação identificou algumas colocações. Quanto à composição familiar dos idosos participantes das oficinas, 12 deles moram sozinhos, sendo estes as próprias pessoas de referência. “Moro sozinha, não quero cuidar de ninguém, tenho minha aposentadoria quando eu não conseguir fazer minhas coisas vou para um a casa de repouso”. (fala de uma idosa de 66 anos).

Neste caso os idosos defendem que morando sozinhos não precisam ajudar seus familiares, pois tem seu dinheiro para as necessidades, na visão destes não precisam de mais nada. “Eu não ajudo ninguém, moro sozinha, uma moça dorme a noite em casa, meu dinheiro fica no banco, meu neto que administra, só dou presente, dei uma camionete para meu neto ele ainda não tinha carro, ajuda eu não ajudo”. (idosa, 92 anos)

O idoso ativo consegue realizar suas próprias tarefas diárias. No entanto contam muitas vezes com vizinhos em caso de necessidades e cuidadores

familiares. A família passa a ser uma visita e só é acionada em últimos casos, como para levar ao médico. Da mesma forma quando eram mais novas:

[...] sabe professora, o casal quando casa não deve morar junto com ninguém, a vida da gente tem que ser do jeito que a gente que, morando com alguém sempre tem problema, eu acho isso que a gente tem que morar sozinha ou numa dessas casas de idoso. (idosa, 62 anos).

Como estamos falando de idosos que tem um poder aquisitivo que possibilita a autonomia de morar sozinhos também possibilita a aquisição de um plano médico que lhes da maior segurança na hora de decidir ficar só, como coloca uma das idosas “meu marido morreu fiquei com a pensão tenho plano de saúde que é bom então pra que ir morar com meus filhos eu quero ficar no meu cantinho”. Na situação exemplificada acima, a renda familiar é de aproximadamente 8 salários mínimos. Nestes casos os idosos são aposentados pelo Estado.

Quanto aos idosos que moram com a família, incluindo filhos casados, netos e noras foram identificados 8 idosos , nestes casos a pessoa de referência foi encontrada em 3 idosos , já 5 são os filhos. A idade dos filhos está entre 25 a 50 anos, geralmente do sexo masculino, com nível superior, o que aumenta a renda familiar, que está entre 6 a 10 salários mínimos.

No caso de morar com filhos solteiros teve 12 casos, todos estes a pessoa de referência¹⁸ é o idoso. Todos têm sua moradia o que, em todos os casos os filhos que moram com os idosos e não os idosos que moram com os filhos “a casa é minha, quem manda sou eu, meu filho que mora comigo”.

Em outro relato a idosa fala: “quero deixar claro que a casa é minha, eu que mando, meu filho que veio morar comigo, cada um tem o seu dinheiro, dividimos tudo”. (idosa, 70 anos). Assim os filhos possuem nível superior, no entanto a renda familiar é mais baixa que no caso acima, está entre 4 a 6 salários mínimos. Para

¹⁸ O conceito de responsável pelo domicílio, utilizado pelo IBGE no Censo Demográfico 2000, está baseado na indicação pelos moradores do domicílio daquela pessoa considerada como referência do domicílio (ou da família). Em censos anteriores, o responsável era denominado de “chefe” do domicílio. Esta denominação caiu socialmente em desuso a partir dos dispositivos sobre a coresponsabilidade dos cônjuges pela família na Constituição de 1988, no seu parágrafo 5o, artigo 226 do capítulo VII que trata da família, da criança, do adolescente e do idoso.

Peixoto (2004, p. 76) “é o fato de ter a moradia que vai determinar qual dos dois acolherá o outro”.

Já morando somente com netos encontramos 4 casos. Neste caso a pessoa de referencia é o idoso, sendo que a renda familiar é somente a dele. Os netos estão cursando nível superior e muitas vezes são os idosos que ajudam nas despesas com a faculdade: “ajudo meu neto porque ele estuda na faculdade particular o pai dele ajuda pouco”. (idosa , 76 anos)

Nesta investigação encontrou-se 9 casos de idosos que moram com esposas ou esposos. Nestes casos somente em 2 encontrou-se a mulher como referência, os outros 7 foram encontrados o homem . Nos casos em que a mulher é referência e ela que cuida do dinheiro da casa, na fala de uma delas expressa que “meu marido é aposentado, eu que cuido de tudo ele só vai receber e me da todo o dinheiro, eu que sei o que falta ele fala que se tiver comida ta tudo bem não precisa de mais nada”. Nestes casos a renda familiar é de mais de 10 salários mínimos, geralmente são aposentados por profissões de carreira militar, procurador, etc.

Já quando o homem é referencia é ele que determina o que deve ser feito com o dinheiro, como é visto na fala de outra idosa: “meu marido que cuida de tudo, desde que casamos não compro nada pra casa só falo pra ele que quero dinheiro pra roupa e minhas coisas pessoais, eu cuido da casa nunca trabalhei”. (idosa, 69 anos).Nestes casos a mulher é cuidadora e o homem provedor enfatizando uma cultura que sempre existiu.

Em 5 casos encontrou-se idosos que moram com irmãos também idosos, assim um deles é a referência, retratado na seguinte fala: “moro com minha irmã dividimos tudo a casa era dos nossos pais , não pagamos aluguel é bom viajamos um monte e temos a nossa vida”. Idosa, 71 anos). A renda familiar para estes casos é baixa, geralmente de 2 a 4 salários mínimos, determinada pela profissão, muitas vezes trabalharam no comércio ou como auxiliar administrativo.

3. 3.1 A solidariedade intergeracional na família dos idosos

A solidariedade familiar está cada vez mais presente nas famílias. Para tanto, os idosos desempenham papel importante na provisão de bem estar social. A

solidariedade familiar por parte dos idosos acontece quando moram com os filhos ou quando moram em casas separadas. Todos os idosos investigados neste trabalho participam em maior ou menor grau.

Para esta investigação foram utilizados os indicadores de participação na vida familiar como: participação em auxílios materiais/financeiros, na provisão de cuidados, nos trabalhos domésticos e participação nas decisões familiares.

3.3.1.1- Participação no orçamento familiar

Atualmente famílias onde residem idosos vivem melhor, é o que comprova as pesquisas e estudos sobre o tema. Identifica-se a solidariedade tanto na ajuda material quanto financeira. À participação na vida familiar acontece sempre que os filhos necessitam. De acordo com o IBGE

O Censo 2000 verificou que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros, observando-se um aumento em relação a 1991, quando os idosos responsáveis representavam 60,4%. Os cônjuges representavam cerca de 22%, o que significa que a grande maioria (84,4%) desta população ocupa um papel de destaque no modelo de organização da família brasileira. (IBGE, 2000).

Seguindo esta análise, os idosos investigados participam do orçamento familiar. Esta se dá quando residem no mesmo domicílio ou fora dele. É o que coloca uma idosa de 66 anos: “Lá em casa eu ajudo meus filhos mesmo que não moram mais comigo”. Neste relato percebe-se que mesmo os filhos saindo de casa os pais continuam a ajudar financeiramente.

A solidariedade também acontece quando os filhos casados se separam e retornam a casa dos pais, visto na fala de uma idosa de 77 anos “minha filha ta separada a pensão é baixa to ajudando ela até ela conseguir um bom emprego”. No Brasil esta prática é comum, muitos filhos retornam a casa dos pais solicitando ajuda tanto material quanto financeira. (PEIXOTO, 2004).

A participação no orçamento familiar é encontrada no caso de idosos que moram com filhos, estes participam tanto da compra da comida, carro, imóveis como

também dos reparos da casa como troca de moveis, pinturas, etc. Atualmente os idosos têm papel importante tanto no orçamento familiar quanto na economia brasileira. O que ressalta que os idosos nem sempre são um peso para a sociedade. (BERZINS, 2003, p: 31).

Já quanto a receber ajuda de alguém, poucos recebem. Na maioria das vezes são os idosos que ajudam, como mostra o relato de uma idosa: “meu filho é casado, mas mora comigo, quem sustenta a casa sou eu, desde o leite da criança até a roupa sou eu que pago, o dinheiro deles é deles”. (idosa, 72 anos). Outra fala: “minha família só da atenção, eu dou atenção e dinheiro”. (idosa, 66 anos).

Uma das preocupações dos idosos é não dar trabalho aos filhos por isso preferem ajudar a ser ajudado, “ajudo porque agora posso ajudar” é a fala de muitos idosos. Quanto a isto Peixoto (2004) coloca que muitos idosos mesmo quando são ajudados pelos filhos, preferem voltar ao mercado de trabalho para não depender dos filhos.

Para Saad (2004), o idoso que ainda trabalha está em condições financeiras melhores e sua renda tem grande importância na família. Conforme já mencionado neste trabalho os idosos representam aumento considerável na renda familiar sendo como a pessoa de referência da família.

Nesta investigação constata-se exatamente isto, as mulheres em geral aposentadas continuam a trabalhar informalmente para aumentar a renda e não precisar de ajuda dos filhos. Como argumenta uma idosa de 65 anos “faço artesanato para ter o meu dinheiro e não precisar do meu filho, a aposentadoria ajuda, mas para viajar não é suficiente”. Assim em geral os idosos preferem ajudar a ser ajudado.

3.3.1.2 Participação na provisão de cuidados

Os idosos possuem a cultura de participar na provisão de cuidados, isto se dá em maioria pelas mulheres idosas. Estas estão sempre à disposição de seus filhos, este cuidado pode se dar quando moram juntos ou separados. A cultura é de estar sempre à disposição da família e ajudá-la.

Nesta investigação o que se constata é que a maioria dos idosos participa ou já participou de cuidados com algum membro da família, desde pai, mãe, filho ou netos. Quando mais novos ajudavam mais, agora que são idosos continuam ajudando em casos específicos com netos, o que retrata que esta cultura está longe de acabar. Visto na seguinte fala:

ela (a filha) é separada e têm dois filhos, eu fico com eles também e ainda tenho um filho doente que mora comigo e eu que cuido dele, meus netos bagunçam tudo, eu fico irritada, preferia quando eles me visitavam, morando junto não dá, também quero ficar sossegada e não posso, quando não venho no grupo é porque to em função deles ou do meu filho. (idosa, 65 anos)

Percebe-se que os cuidados familiares se dão principalmente pelas mulheres. Os homens intervêm em casos de cuidados com reparos indiretamente e menos focalizados. Para Donfut (2004) a relação mãe/filha estrutura fortemente a rede de ajuda, as mulheres tomam conta dos filhos, cuida dos netos e de outros membros da família, esta cultura é passada de mãe para filha. Como mostra o relato de uma outra participante:

[...] professora eu quero dizer que sempre cuidei dos meus netos, sofri um monte, eles choravam o tempo todo, minha filha falava pra eu ter paciência, depois cresceram e hoje ajudo com dinheiro, eles me visitam às vezes, como sou costureira minha neta vai lá e fala oi vó tudo bem e me dá beijo já sei que ela quer que eu faça um vestido, eles são interesseiros. (idosa, 74 anos)

Peixoto diz que “os avós sempre vem socorrer os filhos e netos, retomando assim uma segunda carreira parental. Cuidar ou educar os netos é uma tarefa das avós.” (PEIXOTO, 2004,77). No entanto este cuidado não deixa de trazer também os conflitos entre as gerações. As avós ao cuidar dos netos cobram das mães responsabilidades e não deixam de falar como devem educar. Visto no comentário de uma idosa:

Morei sozinha seis anos depois de separada. Era muito bom, aí minha filha se separou e um dia ela pediu para voltar a morar comigo eu fiquei com pena e deixei, ela veio com meu neto. Começou os

conflitos. Ela não faz nada em casa, perdi a liberdade, cuido da casa e do neto. Levo e busco da escola, dou banho, janta e coloco pra dormir. O que eu fazia antes não faço mais, virei mãe de novo, sou mãe duas vezes. (idosa, 64 anos)

O cuidado com os netos e ajuda aos filhos está vinculada a situação econômica e social da família. Em muitos casos quando os filhos voltam a morar com os pais trazendo os netos é por motivo financeiro. Estes vão desde as baixas pensões em casos de separação, baixos salários, dificuldades para pagar aluguel de um imóvel ou de alguém para cuidar dos filhos enquanto trabalham. (PEIXOTO, 2004).

Para a mesma autora “a solidariedade familiar é assim importante e diversificada na sociedade brasileira, onde os apoios se efetuam em função da situação social dos doadores e recebedores”. (PEIXOTO, 2004, p. 74).

[...] tenho minha casa, mas precisei morar com meu filho porque fico com minha neta de 6 anos todas as manhãs , meu compromisso é de segunda a sexta-feira , até hoje quase que eu não vinha , quero o teu telefone pra poder avisar porque não gosto de faltar , é que hoje não tinha escolinha pra neta e não podia deixar ela sozinha, meu filho deu um jeito. (idosa, 66 anos)

Neste mesmo entendimento de solidariedade familiar Goldani ressalta que “há crescentes evidências de que os idosos aumentaram sua responsabilidade pela provisão econômica de seus filhos adultos e netos”. (GOLDANI, 2004, p.211).

Outro fator encontrado nesta investigação foi o caso de mulheres que deixaram de viver suas vidas para cuidar da família. Visto em vários dos relatos, sendo um destes exemplificado abaixo:

[...] cuido do meu pai de 95 anos, nunca casei porque sempre cuidei de todos, somos em 11 irmãos sou a mais velha, fiz tudo por minha família, não saio de casa pra nada, meu pai é dependente de tudo, para vir no grupo uma irmã fica, mas não posso demorar, deixo de fazer minhas coisas pra ficar com meu pai ele virou criança sabe, não tive liberdade quando era criança porque meu pai era muito rígido e agora também não tenho porque me dedico à família. (idosa, 68 anos)

Na fala desta idosa percebe-se que esta sempre cuidou de todos, no entanto recebendo pouco cuidado. Nos grupos é normal encontrar mulheres que nunca casaram, dedicando sua vida à família. Como nunca casou e sempre morou na casa dos pais esta automaticamente foi designada pela família para os cuidados com os pais idosos. Já que os demais irmãos casaram e saíram de casa tornando-se independentes criando uma relação somente de afeto e de visitas deixando assim o cuidado com a irmã solteira que mora com os pais.

Goldani coloca que

[...] os sentimentos de afeto e obrigação ou promessas de benefícios econômicos são fatores que asseguram o contrato familiar informal entre as gerações [...] o comportamento dos membros da família brasileira, em termos de valores normativos e os sentimentos de afeto e reciprocidade, corresponde ao esperado pelo contrato implícito entre as gerações. (GOLDANI, 2004, p. 234).

3.3.1.3 Participações nas decisões familiares quando residem no domicílio

O número de idosos que moram com as famílias é considerável em todo o país, há também um grande contingente de idosos que moram só. Para os idosos, independente de morar ou não com a família consideram importante a participação nos assuntos que dizem respeito às mudanças e decisões. Conforme investigado para todos os idosos a família é de fundamental importância e todos devem participar.

No entanto, na realidade das famílias dos idosos o que se processa é outra dinâmica. Assim, quanto às decisões familiares, muitos idosos não participam, ou participam da conversa e na hora de decidir não opinam. Observado no relato a seguir: “Meu filho comprou um carro e nem me falou nada, ele mora comigo e eu nem sabia, ele falou que a vida é dele.” (idosa, 62 anos). Neste relato percebe-se que a idosa coloca uma situação real que acontece em sua casa. É possível perceber que este tipo de situação se repete, como se vê no próximo relato:

[...] bom, minha filha veio morar comigo, ela é casada, tem dois filhos e o marido. Não falo nada ela é terrível, tem mania de perfeição sabe

ai de mim se tiro algo do lugar. Ela educa meus netos de uma forma que não concordo, fico louca pra falar, mas respiro fundo e vou para o quarto. Coloquei um banheiro no meu quarto para não atrapalhar eles. É melhor assim , quando quero sai eu saio , venho para o grupo, viajo e almoço com eles no domingo, quando eles não saem. (idosa, 77 anos).

Desta forma, a família é o espaço onde se confrontam e mesclam valores, acentuando a importância do convívio social e a troca de cuidados. Onde há confrontos e negociações. Assim, na ausência do Estado é a família a principal responsável pelo bem estar. (BARROS, 2004).

O grupo doméstico assemelha-se a uma plataforma giratória onde os membros aparecem e desaparecem, por iniciativa própria ou devido ao impacto de certos constrangimentos, internos ou externos. (WALL, 1998, p. 34 apud LIMA, 2006, p. 29.)

A participação na vida familiar no caso de mudança entre as gerações, os idosos destacam que seus pais não faziam o que estes fazem pelos filhos. Para eles, quando jovens os pais eram mais “duros”, cobravam mais responsabilidades e quando casavam tinham que se virar. “Nossos pais não faziam o que a gente faz pela família, casei e tive que me virar hoje os filhos falam que obrigação nossa de ajudar”. (idosa, 60 anos).

Em outro relato segue a fala também neste sentido:

[...] na minha época meu pai me levava cedo pra trabalhar, muitas vezes com fome, não podia comer se não terminasse o trabalho, e aí da gente se não respeitasse o bife maior era sempre do pai, hoje a gente deixa de comer pra dar para os filhos, quando casei tive que me virar , meu filho casou e ganhou tudo, até carro, nossa vida foi em função de dar estudo pra ele. Hoje tá tudo mudado, ninguém se entende , vejo que os filhos querem mandar nos pais, o meu até tentou, mas eu não deixei. (idosa, 83 anos)

Em se tratando de ajuda aos filhos hoje e como era na sua época este idoso coloca:

[...] eu moro com minha esposa, não trabalho mais, mas faço serviço de banco para minha filha ela tem uma empresa, hoje eu vejo que a família mudou, na nossa época nossos pais não ajudavam, a gente

tinha que se virar, hoje os pais fazem tudo para os filhos (idoso, 83 anos).

Já quanto à convivência entre as gerações os idosos colocam que este fator também sofreu mudanças. Para eles, conviver com os avôs era motivo de alegria e de troca, já hoje os jovens na visão dos idosos não querem muita “conversa”:

[...] na minha época eu gostava de ficar com minha avó, ela contava história e me ensinava a cozinhar, eu aprendi a bordar com ela, hoje as crianças não querem mais isso, elas querem é brincar com celular e joguinhos no computador, minha neta é linda, ela quando vai lá em casa e pergunta vovó porque você ainda não tem computador? A gente não consegue acompanhar eles. (idosa, 85 anos).

Neste aspecto a questão da tecnologia é evidenciada, já que quando os idosos eram mais jovens não existia celular, computador, etc. A convivência era com brincadeiras e contação de histórias. No depoimento abaixo segue a fala de uma idosa quanto à convivência familiar:

[...] na minha casa eu moro sozinha, meus filhos só vem algumas vezes, agora tem um que tá separado e vem almoçar todos os dias, meu marido morreu então quem cuida de tudo sou eu, meus netos quase não me visitam, e assim vai. (idosa, 78 anos).

Portanto, a convivência familiar está restrita, esta acontece mais em períodos de férias. É importante ressaltar que isto acontece quando os idosos moram distantes dos netos, diferentemente dos netos que moram com os avôs onde o convívio é rotineiro. A dinâmica familiar é que vai determinar a convivência entre as gerações.

De modo geral a participação na vida familiar é restrita, muitos idosos não participam das decisões. Os idosos sentem que os mais jovens não dão importância ao que eles pensam. Isto demonstra que algumas pessoas ainda pensam que ao ficar velho não tem mais importância.

3.3.1.5 Participação na realização de trabalhos domésticos

A autonomia física dos idosos da atualidade possibilita a realização de tarefas rotineiras de suas casas, como lavar, passar, cozinhar, cuidar do jardim. Isto se dá graças à evolução na área da saúde, que faz com que cada vez mais idosos vivam mais e com mais saúde. No entanto, as tarefas da casa ainda permeiam o meio feminino, as mulheres continuam tomando conta da casa e os homens de alguns concertos domésticos.

Neste aspecto, quanto à participação nos trabalhos domésticos também é encontrado na investigação. As idosas em geral as mulheres tomam conta da casa quando moram sozinhas e também quando moram com filhos ou netos. É o que encontramos nestes dois relatos abaixo:

[...] eu já criei meus filhos e agora estou ajudando a criar os netos, to bem cansada, sabe professora eles almoçam lá em casa todos os dias e eu que faço toda a comida, eles não lavam nem a louça , já falei com minha filha que assim não dá , falei que a professora tava me cobrando porque eu não praticava em casa e que eu precisava ter autonomia, ela não gostou muito, mas falei. (idosas, 66 anos).

[...] moro com minha filha, ela é terrível também, eu sou o homem e a mulher da casa, cuido de tudo, desde a comida até as contas, ela só trabalha fora, não me ajuda em nada, agora vai casar, não vejo a hora de ficar sozinha. (idosas, 69 anos).

A mulher quando viúva é responsável por todo o controle e cuidado da casa. Muitos moram sozinhos após ficarem viúvos. Neste aspecto uma das características da modernidade são os idosos morando sozinhos, principalmente nos centros urbanos devido à oferta de serviços e condições de vida. Característica mais específica para as mulheres idosas, que quando ficam sós, dificilmente casam novamente, diferentemente dos homens que buscam outra parceira para viver. (BERZINS, 2003).

Quando moram com filhas que trabalham fora estas também são responsáveis pelo trabalho doméstico. “Lá em casa eu que faço tudo, concerto até torneira, meu marido morreu e tive que me virar, vou e compro as peças e arrumo, quem disse que mulher não sabe fazer isso” (idosas, 72anos).

Assim, quanto aos cuidados com a casa são os próprios idosos que realizam, desde limpeza até pagamentos, conforme visto no seguinte relato: “eu moro com minha neta, meu neto, e minhas duas filhas, elas trabalham eu fico com as crianças e pago tudo em casa, ainda bem que ganho bem de aposentadoria” (idosa, 60 anos). Neste caso é possível identificar que a idosa tem responsabilidade total sobre as despesas com a casa e cuidados com os netos, para ela a aposentadoria é fundamental para conseguir prover os cuidados tanto com a moradia como também com os membros da família.

De acordo com Bazo,

[...] se ha tenido en cuenta algunos tipos de ayuda y apoyo que las personas se ofrecen entre sí, tanto las personas mayores como las demás también, entendiendo que las personas mayores no son sólo receptoras de ayuda y apoyo, sino también donadoras. (BAZO, 2008, p: 81).

Neste aspecto ressalta-se a importância da aposentadoria para os idosos, estes através deste benefício conseguem prover os cuidados e a proteção social da família. Diferenciando dos idosos que somente recebem ajuda, os que possuem poder aquisitivo considerável conseguem passar de receptores a doadores.

O idoso está diretamente ligado a constituição de bem estar da família. Já que este com seus proventos têm significativa ajuda material e financeira para com seus familiares. É importante destacar que estamos falando de idosos independentes que traçam um novo perfil demográfico da população brasileira.

3.3.2 Solidariedade familiar para além do domicílio a participação dos idosos para com os filhos que vivem distantes

É fato que os idosos da atualidade estão cada vez mais sendo procurados pela família no sentido da solidariedade familiar. A ajuda pode ser tanto financeiramente quanto materialmente. Esta pode ser no domicílio ou fora dele, pode se dar tanto na mesma cidade ou em outro país, vai depender da necessidade de cada família.

Assim, a dinâmica familiar e as mudanças de cidade ou de trabalho determinam também mudanças na vida dos idosos quanto à solidariedade familiar. As escolhas dos filhos interferem diretamente na vida dos idosos, isto ocorre tanto na convivência geracional quanto nos cuidados com os netos. É o que se percebe no relato abaixo:

[...] meu filho foi morar na Inglaterra e me levou junto, cheguei lá e fui trabalhar ele falou pra eu sair do trabalho e ficar com meus netos, como eu tava lá não podia dizer que não, aí cuidava deles, os pais só voltavam a noite eu ficava todo o dia com eles, dava banho, comida, levava pra escolinha, ajudava nos deveres e colocava pra dormir , eu me sentia cansada porque não tenho mais idade pra isso (idosa, 70 anos).

Neste sentido a mudança de vida dos idosos pode trazer tanto perdas quanto benefícios, o fato de viver em outro país possibilita que esta idosa conheça outras culturas, vivencie outras experiências e fique próximo de seus netos. No entanto a convivência de avó passa a ser convivência de mãe. Assim esta passa a ter responsabilidades diárias e rotineiras com a família que a impede de ter autonomia para passear e viver a vida.

Nascimento et. al. destacam que

A inversão de papéis em função das mudanças de valores na família trona-se ato comum e com isto, o idoso acaba por perder seu poder de decisão, o que implica em perda de sua autonomia, assim com a perda do poder econômico torna o idoso dependente financeiramente de sua família. (NASCIMENTO et. al., 2000, p. 125).

Os idosos quando moram com algum familiar seja filho ou neto estes provem os cuidados com a casa e pagamento de despesas. Poucos casos em que os idosos moram com os filhos e os filhos são responsáveis pelos cuidados. Isto se dá tanto quando moram no Brasil ou em outro país. Como mostra a próxima situação:

[...] eu que pago as contas, porque não pego fila , minha filha fala , vai lá mãe tu não pega fila mesmo, já falei pra ela que não vou mais, ainda cuido da minha mãe de 86 anos, eu que mando na minha casa, minha filha que veio morar comigo, não fui eu que fui morar come ela, mas os filhos se aproveitam , deixo de fazer minhas coisas

para ficar com meu neto, agora ela tá namorando e eu fico com o neto quando ela sai. (idosa, 65 anos)

Em relação aos idosos percebe-se que as famílias possuem dinâmicas diferentes, muito idosos prestam solidariedade aos seus familiares de diferentes formas. Desde afazeres domésticos até pagar contas: “minha filha vai ganhar bebê e ela não quer deixar em berçário e creche, uma por que é mais gasto e outro porque ela acha que ficando comigo tá mais seguro, então não vou poder vir ao grupo, só volto ano que vem”. (idosa, 78 anos).

De acordo com Mercadante

Para os familiares, especialmente os filhos, os idosos são sempre os mesmos, cheios de energia e com uma disposição muito grande para o trabalho. O que de certa forma é exigido pelos familiares –filhos e filhas – de seus idosos é que se adequem aos novos papéis sociais, como por exemplo, o de avós. A questão de cuidar dos netos é algo que exige muito mais da mulher idosa do que do homem. (MERCADANTE, 2003, p. 71).

Desta forma a família é que assegura os cuidados, é na família que os filhos encontram a proteção. Para Pimentel e Albuquerque

[...] a imagem da família que assegura os cuidados, nomeadamente aos mais dependentes, apesar de ser socialmente construída e de frequentemente não corresponder à realidade, é cada vez mais reforçada, de modo a legitimar a necessidade de reencaixar a responsabilidade da prestação de cuidados na família e na comunidade, bem como a acentuar o papel dos serviços informais em complemento dos formais. (PIMENTEL; ALBUQUERQUE, 2010, p. 254).

No caso de outra idosa que também saiu do Brasil para ajudar os filhos nos Estados Unidos esta relata que: “as babás nos Estados Unidos são muito caras meu filho não consegue pagar é por isso que vou pra lá quando eles trabalham e quando eles pegam férias eu venho para o Brasil”. (idosa, 70 anos).

Neste relato, a idosa deixa claro que não participa de outros momentos da família como as férias do filho. Esta presta solidariedade ao cuidar dos netos fora de sua casa e de seu país. Todavia, não está inserida nas programações da família.

Para esta idosa este processo é normal, porém, tem que se pensar em qual é o papel dela na família enquanto avó.

3.3.3 Solidariedade familiar: os idosos e sua autonomia

Os idosos estão cada vez mais engajados na sociedade quanto à participação social e na família. Com a aposentadoria estes conseguem realizar viagens, participar de grupos, conviver com amigos e também com outras gerações mais novas.

Contudo, quando se trata da família a participação se dá em momentos únicos e especiais e de alguma forma os idosos gostariam de estarem mais próximos das famílias. É o que se identificou nesta investigação.

Destarte, quanto à participação das tarefas da família como almoçar juntos, ir a passeios, receber visitas dos netos, estarem presente nas decisões dos filhos, na hora do lazer, nas viagens, os idosos gostariam de participar mais. Para eles alargaria a convivência familiar, o que na visão dos idosos atualmente está diferente, as famílias estão cada vez mais distantes. A participação ocorre principalmente com os cuidados e favores, em dias especiais como festas e eventos. Como se vê no relato abaixo:

[...] Eu queria estar mais com meus filhos, fico com os netos, mas os filhos só procuram quando precisam de alguma coisa eles perguntam se tá tudo bem e vão embora tão sempre com pressa, nunca vi. (idosa, 70 anos).

Os idosos colocam que antigamente as famílias se reuniam para conversar, trocar idéias, saber opiniões, hoje isto quase não é realizado. Cada um faz o que acha melhor e os mais velhos dificilmente participam. Portanto, a família para estes idosos também é um espaço de alegria e lazer.

Na fala de uma idosa, ela deixa claro que a família sofreu alterações e que sente falta de seus filhos, “gostaria de ter mais atenção e carinho, eles nunca tem tempo pra nada”. (idosa, 64 anos). Outra já expressa seu sentimento: “Eles me dão atenção, dinheiro não, eu que dou dinheiro pra eles”. (idosa, 68 anos)

Muitos gostariam de conviver mais com a família, no entanto isto acontece mais em datas festivas, quando não cuidam dos netos e não moram com eles estes só vem em época de férias da escola. Alguns colocam que o neto prefere o computador, ressaltando que a convivência intergeracional não é mais a mesma.

Na grande maioria dos idosos que participaram das oficinas expressam que gostariam de ter mais atenção por parte da família, como foi percebido no seguinte depoimento: “tenho mais atenção aqui no grupo do que em casa, minha filha nunca tem tempo”. (idosa, 63 anos). Para esta mesma idosa a família é muito importante, e fala que “deixo de fazer minhas coisas para ficar com meus netos e ajudar minha filha”. No entanto, a filha não deixa de fazer suas atividades para ficar com a mãe.

Para Bazo

Todavía la solidaridad familiar y las normas que rigen los comportamientos parecen ser fuertes y ser sostenidas de forma mayoritaria en las sociedades contemporáneas tanto entre las personas mayores como entre las jóvenes [...]. (BAZO, 2008, p.76)

Quando os idosos deixam de realizar suas tarefas e atividades como, por exemplo, e já destacado neste trabalho a participação destes nos grupos, estes perdem autonomia e liberdade. Em relação à autonomia, nota-se que alguns têm e outros não vão depender da dinâmica familiar, entra aí na questão do tempo que cada um tem para si. As idosas se manifestam falando que a liberdade é muito boa, que a autonomia é tudo, no entanto, nem sempre é possível ter.

Na fala de uma das participantes da oficina é possível verificar que esta deixa de fazer suas atividades para prestar solidariedade à família: “eu deixo tudo pra ficar com meus netos, minha filha traz eles e só pega a noite, ela sabe que eu tenho grupo mãe eu não me importo, primeiro eles depois eu”. (idosa, 62 anos). No entanto, em outro relato a idosa coloca que “minha família não faz nada por mim, eu que faço por eles”. (idosa, 62 anos).

Segundo outra idosa:

[...] eu não deixo de vir para o grupo , eu me mando , moro sozinha e eu que decido onde vou , que hora vou voltar , já passei por tanta coisa , agora quero aproveitar , minha amiga falou que não vem mais

no grupo , porque a filha dela ganhou bebê e ela que vai cuidar , vê só que absurdo ela é não é mãe é vó”, eu acho errado isso. (idosa, 77 anos).

A questão do tempo é um fator considerado pelos idosos. Os filhos falam para os idosos visitarem porque tem mais tempo e eles trabalham e querem ficar em casa no final de semana para descansar, exemplificado na fala de uma delas: “meu filho quase não me visita ele tá sempre ocupado, fala pra eu ir na casa dele que eu tenho mais tempo”. (fala de uma idosa).

A liberdade é outra categoria exposta pelos idosos investigados, à maioria fala que não tem muita liberdade, esta é evidenciada mais nos idosos que moram sozinhos, já os que moram com os filhos têm liberdade restrita, vai depender da rotina da família, presente na colocação abaixo:

[...] professora não vim ao encontro porque minha filha teve que sair e minha neta não podia ficar sozinha ela falou que eu podia ficar em casa o tempo tava feio e porque eu ia sair de casa eu sei que ela queria sair aí eu fiquei. (idosa, 67 anos).

Ao analisar este relato, percebe-se que esta idosa não tem liberdade de decidir e de falar o que quer fazer. Também não consegue dizer não, prefere deixar de fazer suas atividades para agradar a filha. Neste caso a idosa é que mora com a filha, assim a liberdade é restrita. No entanto, alguns se manifestam: “já cuidei muito de neto quando pequenos, depois vi que eu precisava viver, a liberdade da gente é tudo”. (idosa, 75 anos)

No depoimento da idosa abaixo se percebe que esta buscou sua liberdade e autonomia, ela é quem decide o que fazer e como fazer:

[...] quando casei minha sogra falou que era pra eu ver novela pra ficar feminina, eu detesto novela até hoje não suporto novela, ela queria dizer o que eu tinha que fazer, por isso hoje moro sozinha, quero ter liberdade. (idosa, 67 anos)

Outra senhora colocou que uma integrante do grupo não virá mais porque a filha foi morar nos Estados Unidos e ela irá visitá-los. Destarte, ela coloca: “sabe

professora eu sei que ela não vai pra visitar, ela vai pra ser babá de neto, eu falei pra ela que isso iria acontecer ela não ouviu, agora ela veio pra cá e falou que vai ficar morando lá porque o filho quer e ela é fundamental para o neto, sei bem como é” (idosa, 72 anos)

Nessa fala a amiga expressa a preocupação com a outra no sentido de deixar sua vida aqui no Brasil para ficar em outro país, só com o filho e cuidando do neto. Para ela é importante que a idosa tenha a sua vida, já que esta está com 80 anos e precisa ter liberdade pelo menos agora com essa idade.

No relato de uma participante da oficina a liberdade e autonomia estão restritas a família:

[...] professora acho que vou desistir do curso, tenho que ficar com minha neta, minha filha paga uma pessoa só pela manhã, mas a tarde eu que fico também tenho que levar e pegar na escola às 5hs é tudo correndo, pra mim não dá, aí fica difícil eu vir pra cá e deixar minha filha na mão. (informação verbal do momento da roda de conversa). (idosa, 60 anos)

Neste outro relato o idoso coloca a importância de viver com liberdade e autonomia, fator que acontece graças à aposentadoria. Neste aspecto ressalta-se que o benefício da aposentadoria é um grande aliado na participação social do idoso, considerado por eles como uma segurança para a velhice e também como forma de fazer o que pretendem sem depender dos filhos ou outros membros da família.

[...] professora, os filhos hoje em dia são malandro, eles se puderem deixam tudo com a gente, eu já falei pra minha mulher tu não vai ficar cuidando de neto e nem de filho porque agora que nós nos aposentamos temos que cuidar de nós, eu quero viajar muito, também faço maratona, se deixar os filhos dominam a gente, querem mandar até na nossa casa e no nosso dinheiro, eu já briguei muito com eles por causa disso. (idosa, 65 anos).

No entanto, neste mesmo depoimento é possível identificar a falta de autonomia quando o idoso coloca que “hoje em dia os filhos querem mandar até na nossa casa e no nosso dinheiro”. Assim, a segurança da renda interessa não

somente aos idosos, mas a seus filhos. O que também reflete na autonomia dos idosos, pois se o filho quer cuidar do dinheiro como é possível garantir autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um processo investigativo a partir da experiência profissional como estudante da UFSC no campo de estágio do SESC foi importante para o aprendizado em relação à atuação com grupos de idosos, conhecer e aprofundar a temática sobre as relações intergeracionais, assim como o universo de vida do idoso que envolve a provisão de bem estar social da família.

Da mesma forma, possibilitou maior aprofundamento da dimensão investigativa do Serviço Social e a importância da pesquisa na formação profissional. Tendo como base a realidade para que possamos realizar um projeto de intervenção e de mudança, pois entendemos que é o ponto de partida para nossa compreensão da sociedade, sem saber o que é esta realidade e como funciona, não temos como entender o processo de transformação ao qual estamos passando.

Por isso foi realizada as considerações finais desse trabalho a partir de dois pontos: um refere-se à própria investigação e ao seu objeto, isto é, as relações intergeracionais, e o outro a experiência de formação profissional.

Em relação ao primeiro ponto, temos ciência que o envelhecimento populacional traz consigo transformações na sociedade, na economia, nas relações sociais, conseqüentemente trazem mudanças nas famílias. Logo ocorrem também mudanças nas relações intergeracionais, estando o idoso morando ou não com a sua família.

Para Camarano et. al., “a família é vista como fonte de apoio informal mais direta para a população idosa [...] os seus membros se ajudam na busca do alcance do bem estar coletivo” [...]. (CAMARANO et. al., 2004, p.105).

Com a realização desta investigação foi possível verificar alguns fatores que merecem ser considerados e que se tornam importantes para a reflexão acerca da temática do envelhecimento, das relações intergeracionais e das expectativas sociais e familiares em torno do idoso.

Nessa perspectiva pode-se observar na presente investigação que a família para os idosos tem importância fundamental e está sempre em primeiro plano. Identificou-se nas falas dos idosos que estes deixam de fazer coisas para si em

função das necessidades e demandas de suas famílias, e que realmente, são provedores de bem-estar, através de aportes financeiros-materiais, de trabalho e de cuidados em menor ou maior grau que dispensam aos seus grupos familiares.

Observou-se também que a forma como isso acontece depende das condições e modos de vida das famílias e da dinâmica familiar que se estabelece a partir dessas condições e desses modos de vida.

De acordo com Saad (2004, p. 169) “as relações de troca e ajuda mutua entre pais e filhos é o principal fator que tem assegurado, ao longo da história, a sobrevivência nas idades mais avançadas”. Concordamos com o autor, mas conforme mostra os sujeitos da nossa investigação, atualmente os idosos estão cada vez mais sendo requisitados para ajudar as famílias, ainda mais em se tratando de uma sociedade desigual. Por conseguinte, destaca-se que as trocas intergeracionais asseguram a sobrevivência em todas as idades e não somente nas idades mais avançadas.

Pode-se observar também que à medida que se aumentam as possibilidades de relações intergeracionais nas famílias, também aumentam os conflitos intergeracionais. Essa condição nos leva assinalar uma observação realizada ao longo do processo de convivência com os idosos do SESC que é o medo ou insegurança em falar da família, principalmente por parte das mulheres. Isto talvez possa ser atribuído, por um lado, a fatores tradicionais da cultura brasileira que sempre teve as mulheres como protagonistas do cuidado nas famílias e as relações intergeracionais como base da proteção social.

Sobre isso é ilustrativa a fala de uma idosa de 62 anos: “Eu não acho ruim ajudar minha família acho bom eu fico com minha neta sem problemas as minhas coisas faço quando posso, a família é a coisa mais importante pra mim, eu fico por última”. A idosa ressalta que a família é importante e que os cuidados para com seus familiares é natural, assim como é natural as avós ficarem com os netos e deixarem de fazer suas atividades para atender a família.

Por outro lado, está o medo da solidão. Dos filhos não os procurarem mais por não atenderem a um chamado. “Tenho medo de ficar só”, nos dizem os idosos com os quais trabalhamos e assim é possível entender que é na troca de favores, na generosidade, na disponibilidade - própria da solidariedade intergeracional que

depositam a confiança em poder enfrentar o maior de seus medos: ficarem doentes e não terem ninguém para lhes ajudar. Isso se expressa na fala do idoso de 74 anos: “Eu ajudo meu filho porque um dia posso precisar e ele não me ajudar à gente tem que se ajudar o tempo todo família é pra essas coisas”.

Essas observações remetem ao debate sobre a autonomia e liberdade do idoso e a afirmação, de acordo com as informações coletadas, que ela é bastante relativa. Embora não seja possível desconsiderar a afirmação de Faleiros (2007) que a autonomia e liberdade estão centradas em dois pilares fundamentais que são o dinheiro e a moradia - ou seja, que quando o idoso é provedor financeiramente da casa ajudando nas despesas e também como único responsável pela renda familiar este possui autonomia. Ou, quando o idoso é dono da casa em que mora e os filhos moram com eles, são os idosos que determinam o funcionamento, já que não dependem dos filhos ou parentes para morar – verificamos que dependem também das condições de vida, dos modos de vida e das dinâmicas familiares.

Deste modo, não deve deixar de se destacar que não pode ser desconsiderado que a convivência dos avos com os netos é muito importante para ambos. Todavia, a tal vivência não pode significar os avós assumindo papéis de pais e cuidadores de seus netos.

Segundo Goldani (2004, p. 244) “o debate sobre as relações intergeracionais e a reconstrução do Estado de Bem Estar no Brasil, nos remete a velha questão do conflito na distribuição de recursos”.

Ainda conforme a mesma autora as trocas geracionais estão cada vez mais atuantes, neste aspecto, a autora chama este processo de *transferências intergeracionais*¹⁹.

Isso reporta ao longo caminho que a sociedade brasileira precisa percorrer para a garantia de direitos sociais que atendam às necessidades da população. Sobre isso Goldman chama atenção que

¹⁹ Para melhor entendimento das trocas intergeracionais ler artigo de Ana Maria Goldani (2004): Relações intergeracionais e reconstrução do Estado de bem estar . Por que se deve repensar essa relação para o Brasil. Publicado em Os novos idosos brasileiros muito além dos 60. Organizadora: Ana Amélia Camarano.

[...] envelhecer e ser cidadão parecem ser incompatíveis em sociedades desiguais. A possibilidade de sua concretização, no entanto, é mais do que um desejo individual, é uma busca que o ultrapassa para uma perspectiva de coletividade. (GOLDMAN, 2000, p. 13).

Essa afirmação remete a idéia que a autonomia seja dos idosos, dos jovens ou dos adultos necessita da construção de uma sociedade mais justa para que a solidariedade familiar não se torne uma obrigação e sim uma das estratégias para contemplar as possibilidades que cada fase da vida apresenta.

Em relação à experiência de formação profissional destacamos em primeiro lugar a importância que o trabalho de grupos tem na vida dos idosos. Verificamos que os grupos representam a possibilidade de troca de experiências, de convivência e de reflexão, augurando-lhes novas formas de pensar a vida.

Por isso esse trabalho atentou-se para esclarecer que pensar e falar sobre determinados temas – como no caso a família – não tem o objetivo de criticar ou “falar mal”. Afirmar que o objetivo principal é o de conhecer a realidade e refletir sobre ela, visando à construção de melhores relações, tanto com a família como com a sociedade de forma mais geral.

Fazê-los compreender que no contexto de uma sociedade mais justa, onde os direitos à educação, ao cuidado, renda são preservados, a família se torna mais desonerada de exigências e assim seus membros podem conviver em melhores condições.

Nesse sentido mostra-se fundamental a desconstrução, especialmente com as mulheres, da cultura de submissão destas no interior da família e a própria historização do papel feminino.

É importante ainda trazer para o debate a questão da liberdade e da autonomia, enquanto direito dos idosos. Refletir sobre a importância da solidariedade na vida familiar, mas fazê-lo entender-se não apenas na família, mas na própria sociedade. Pois como afirma Mendes,

[...] ao exercer a cidadania, o idoso cria um espírito de integração, constituindo-se parte de um grupo. Se a pessoa sente-se pertencente a um grupo, à comunidade e ao seu país, por extensão passa a sentir-se cidadã do mundo. A prática da

cidadania pode criar um sentimento de dignidade e solidariedade partilhada: união com amizade entre todos. (Mendes, 2004, p. 23).

Para tanto, é importante que os profissionais de Serviço Social estejam atentos a demanda a ser trabalhada. Quem é este idoso, o que faz e como este se relaciona com a sociedade e com a família, no sentido de construir uma cidadania nos espaços onde está inserido como os grupos de convivência, universidades para a terceira idade e em casa. E desta forma propiciar aos idosos a sua condição de cidadão e sujeitos de direito.

Souza entende que

[...] de posse desse conhecimento, o profissional pode planejar a sua ação com muito mais propriedade, visando à mudança dessa mesma realidade. Assim, no momento da execução da ação profissional, o Assistente Social constrói suas metodologias de ação, utilizando-se de instrumentos e técnicas de intervenção social. (SOUZA, 2008, p. 132).

Neste mesmo entendimento Almeida coloca que

[...] a reflexão teórica é um componente significativo do trabalho e da formação do assistente social [...] Ressaltamos, na verdade, que o trabalho do assistente social deve ser necessariamente atravessado por procedimentos investigativos [...]. (ALMEIDA, 1995, p. 6).

Para o profissional alcançar tais objetivos ele necessita de embasamento teórico. Portanto, para a realização do trabalho, a apreensão do debate em torno da família na sociedade contemporânea e das relações intergeracionais na perspectiva da proteção social, em contraposição à “perspectiva familista” que prevalece na sociedade brasileira foram fundamentais.

Além disso, requer recursos inovadores e isso se registrou através do uso do episódio do Programa A grande Família “Os Espaçosos”, que se demonstrou fundamental para que os idosos se sentissem a vontade para falar. Os 15 minutos do vídeo se mostraram como tempo ideal para os mais idosos tratar dos conflitos familiares de uma forma lúdica, e isso facilitou o debate nas oficinas.

Todo esse trabalho só é possível a partir de uma “escuta qualificada”. A partir deste instrumental, o profissional avalia juntamente com os idosos, as atividades, para criar novos caminhos e compreender quais são as verdadeiras demandas.

A escuta é importante também porque os idosos tendem a valorizar os momentos em que alguém os escuta, como expressou uma das participantes do grupo:

“nossa professora que bom que este momento aconteceu. Que alguém resolveu nos ouvir. Estou tão aliviada e feliz porque nunca falei pra ninguém o que acontece comigo, e hoje falei para o grupo todo que convivo há mais de 10 anos.” (idosa, 70 anos).

Enfatizado que o processo investigativo é central para o desenvolvimento de uma ação comprometida do Assistente Social e, portanto, trata-se de um pilar estruturante da formação profissional. Para Almeida a investigação

Constitui uma dimensão importante do trabalho profissional que favorece uma reflexão contínua de suas respostas sócio-institucionais em suas relações de determinação com a dinâmica do ser social. Trata-se de um recurso que permite imprimir ao cotidiano, assim como a empiria que dele emerge nos procedimentos típicos da ação profissional, a possibilidade de serem compreendidos a partir das relações sociais que lhes dão concretude e significado; alçando a condição de um movimento de apreensão da dinâmica social a partir de uma inserção real e efetiva e da necessidade de se construir alternativas profissionais determinadas no âmbito de um trabalho coletivo, na trama institucional onde se materializam dimensões constitutivas da dinâmica da sociedade, da relação entre produção e reprodução social. (ALMEIDA, 1995, p. 9).

Finalizando essas considerações, destaca-se que a experiência de estágio e a realização deste trabalho favoreceram a estagiária trabalhar a dimensão investigativa do Serviço Social, ampliando assim os limites de atuação profissional, desenvolvendo suas próprias potencialidades.

Foi dessa forma que a estagiária conseguiu desenvolver seu processo interventivo com criatividade, oferecendo as ferramentas aos sujeitos para que estes refletissem sobre questões que afetam sua liberdade e autonomia e possibilitando o caminhar de um processo.

De tal modo, coloca-se como sugestão para a Instituição SESC a realização de oficinas com os idosos como foi realizado para este trabalho. A convivência e a

direção dos temas fazem com que estes se sintam a vontade para falar. Foi desta forma, que foi possível conseguir tantas falas importantes para a análise deste trabalho.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Lucia Valsecchi de. Modernidade e velhice. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. Considerações iniciais para o exame do Processo de Trabalho do Serviço Social. Em Pauta-Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ/FSS, novembro de 1995. n. 6.

ALVES, Andréia Moraes. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortês, 1995.

BAPTISTA, Myrian Veras. Famílias de crianças e adolescentes abrigados: quem são como vivem o que pensam o que desejam/Eunice Terezinha Fávero, Maria Amália Faller Vitale, Myrian Veras Baptista (orgs). - São Paulo: Paulus, 2008.

BAZO, Maria Tereza. Personas mayores y solidaridad familiar. Política y Sociedad, 2008, Vol. 45 Núm.2: 73-85

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhice na contemporaneidade. In: Família e envelhecimento / organizadora Clarice Ehlers Peixoto – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 144 p.- (família, geração e cultura).

BEAUVOIR, de Simone. A velhice. Rio de Janeiro 1990.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Título VIII- Da Ordem Social. Capítulo II – Da Seguridade Social. Brasília, DF, 1988.

BRASIL, Lei 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

BRASIL. Política Nacional do Idoso, Lei no. 8842, jan. 1994.

BRUNO, Marta Regina Pastor. Cidadania não tem idade. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

CAMARANO, Ana Amélia. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

-----E a vida se alonga além dos 60: como? Da Diretoria de Estudos Macroeconômicos do IPEA, 2002 p. 593.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina. Rio de Janeiro, 2007, p.7.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; LEITÃO, Juliana e Mello e PASINATO, Maria Tereza. Famílias: Espaço de Compartilhamento de Recursos e Vulnerabilidades. In: Os novos idosos Brasileiros: Muito além dos 60? / Organizado por Ana Amélia Camarano. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPOS, M. S. & MIOTO, R.C.T. Política de assistência social e a posição da família na política social brasileira. Revista Ser Social. Brasília: UNB, N º 12 jan.-junho, 2000, p. 165 –190.

CASTILHO, Tai. O idoso fragilizado e a família: representações, preconceitos, conflito e solidariedade. A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento / Serviço Social do Comércio. ST – Gerencia de Estudos e Programas da Terceira Idade. Vol. 18 nº 38, 2007 p. 57-63.

CERVENY, C. M. O; BERTHOUD, C. M E. Família e Ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

DARROIT, Marina Paula. **O processo de envelhecimento e a ampliação da autonomia e cidadania:** a experiência desenvolvida pelo Projeto SESC Idoso Empreendedor. 2011. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DOLL. Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

DONFUT, Claudine Attias. Sexo e envelhecimento. In: Família e envelhecimento / organizadora Clarice Ehlers Peixoto – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 144 p.- (família, geração e cultura).

DRAIBE, Sônia Miriam. “*welfare state no Brasil: características e perspectivas*”. In: Cadernos de Pesquisa nº 8. UNICAMP/Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. 1993.

FALEIROS, Vicente de Paula. Cidadania: os idosos e a garantia dos seus direitos. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

----- A política social do estado capitalista: as funções da previdência e assistência sociais. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

----- O lugar dos idosos nas sociedades tradicionais. In: Anais da 2ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. Brasília/ DF, 2010.

FERNANDES, Ana Alexandre. Velhice e Cidadania. In: Cadernos de Políticas Sociais: Novos Pactos Sociais, dados, interrogações e aspirações 1999-2000.

FERRIGNO, José Carlos. A co-educação entre as gerações: um desafio da longevidade. A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento / Serviço Social do Comércio. ST – Gerencia de Estudos e Programas da Terceira Idade. Vol. 17 nº 37, 2006 p. 16-26.

FERREIRA, Janaina Regina. **A Dimensão Pedagógica do Serviço Social e o Projeto SESC Idoso Empreendedor:** mediação para a emancipação. 2010. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GOLDMAN Sara Nigri. Velhice e direitos sociais. In: Envelhecer com Cidadania: quem sabe um dia? Serafim Paz e outros. Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000.

GOLDANI, Ana Maria. Contratos intergeracionais e Reconstrução do Estado de Bem Estar. Por que se Deve Repensar essa Relação para o Brasil. In: Os novos idosos Brasileiros: Muito além dos 60? / Organizado por Ana Amélia Camarano. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Site: WWW.ibge.org.br, acesso em 18 de julho de 2011.

-----Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 9. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. Rio de Janeiro 2002.

LEMOS, Viviam C. Herrero. O valor da atividade não remunerada realizada por pessoas maiores de sessenta anos. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

LEWGOY, Alzira Maria B. Desafios e Exigências da formação profissional na Contemporaneidade. In: Supervisão de Estágio em Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2009, p. 19-63.

LIMA, Eliete Maria. A Proteção Social no Âmbito da Família: um estudo sobre as famílias do Bairro Monte Cristo em Florianópolis. Dissertação de Mestrado. UFSC 2006.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Intergeracionalidade e cidadania. In: Envelhecer com Cidadania: quem sabe um dia? Serafim Paz e outros. Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000.

MESQUITA, Paulo Moacir; PORTELLA, Marilene Rodrigues. A gestão do cuidado do idoso em residenciais e asilos: uma construção solitária fortalecida nas vivências do dia a dia. In: Envelhecimento Humano desafios e perspectivas. Passo Fundo. 2004

MALTEMPI, Maria Angela Cabanilha de Souza, A Co-educação: Uma proposta intergeracional Projeto de extensão junto a Coordenadoria de extensão e assuntos Comunitários das Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo Presidente Prudente–SP. 2004.

MEDEIROS, M; OSÓRIO, R. Arranjos Domiciliares e Arranjos Nucleares no Brasil: classificação e evolução de 1997 a 1998, Brasília, 2001.

MERCADANTE, Elizabete F. Velhice: e identidade estigmatizada. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

MIOTO, Regina T. Célia. Família e Políticas Sociais. Ano 2005.

-----, Novas propostas e velhos princípios: a assistência as famílias no contexto de programas de orientação e apoio sócio familiar. Ano 2001.

MINUCHIN, Salvador. Famílias: funcionamento e tratamento – Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

MONTEIRO, Pedro Paulo. Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

MORANDINI, Jaqueline. A velhice: uma abordagem social e jurídica. In: Envelhecimento Humano desafios e perspectivas. Passo Fundo. 2004.

MOTTA, Alda Britto. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: Família e envelhecimento / organizadora Clarice Ehlers Peixoto – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 144 p.- (família, geração e cultura).

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

-----Feminização da velhice. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

NETTO, J.P. A construção do projeto ético-político do Serviço Social. In: MOTA, E.et al. Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Cirlene Aparecida Hilário da Silva. O estágio supervisionado na formação profissional do assistente Social. In: Serviço Social & Sociedade. São Paulo: Cortez, 2004, p.59 -79.

PEREIRA, P. A. P. Necessidades Humanas: subsídios a crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez, 2000. (p. 25-36; 65-86).

PEREIRA, P. A. P. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar.

PEREIRA, Potyara A. P. *“A política social no contexto da seguridade social e do welfare state”*. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 56. São Paulo: Cortez. 1998.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Solidariedade familiar intergeracional. In: Gênero, família e trabalho no Brasil/ Clara Araujo e Celi Scalón, organizadoras. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.304p.

----- . Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: Família e envelhecimento / organizadora Clarice Ehlers Peixoto – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 144 p.- (família, geração e cultura).

PIMENTEL, Luisa Gaspar; ALBUQUERQUE, Cristina Pinto. Solidariedades Familiares e o Apoio a Idosos. Limites e Implicações Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 9, n. 2, p. 251 - 263, ago./dez. 2010

PINHEIRO, M.F.G; GOMES,C.L. Lazer Velhice e Instituição Asilar : reflexões baseadas na revisão de literatura e nos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Recreação e Lazer (2001 – 2005). A Terceira Idade V. 18 p. 27-38.

Regulamento de estágio – curso de serviço social, 2008.

SAAD, Paulo Murad. Transferência de Apoio Intergeracional no Brasil e na América Latina. In: Os novos idosos Brasileiros: Muito além dos 60? / Organizado por Ana Amélia Camarano. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. In: A costa, Ana Maria, Vitale, Maria Amélia F. (org) Família: Redes, Laços e Políticas Públicas. São Paulo: IEE / PUC – SP, 2003.

SARMENTO, Hélder B. M.. Formação e exercício profissional: estudo sobre o ensino da prática no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Artigo publicado nos Anais do IV Congresso Paranaense de Assistentes Sociais, 2009.

----- . Repensando os instrumentos em serviço social. 2005.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Velhice e políticas públicas. In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/ organizadora Anita Liberalesso Neri. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

SESC, Serviço Social do Comércio. Acesso ao site WWW.sesc.com.br em 21 de julho de 2011.

Portal SESC Santa Catarina, disponível em: <http://www.sesc-sc.com.br/> (acessado em 14/04/2011).

SIMIONATO, I. Do Welfare State ao Welfare Family: a reforma da assistência social na Itália. Revista Ser Social. Brasília: UNB, 12. Jan.- junho, 2003. P. 145–164

SOUZA, Charles Toniolo de. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. Artigo publicado em 2008. Emancipação, Ponta Grossa, 8(1): 119-132 2008. Disponível em <<http://www.uepg.br/emancipacao>>, p. 120-132. (acessado em 02/11/2011).

SPOSSATI, A. Desafios para fazer avançar a política de assistência social no Brasil. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, N ° 68, Cortez, 2001. P. 54 - 82.

TOBÍO, Constanza. Redes familiares, género y política social en España y Francia. Política y Sociedad, 2008, Vol. 45 Núm.2: 87-104.

VERAS, Renato P. A longevidade da população: desafios e conquistas. In: Revista Serviço Social e Sociedade nº 75. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Cortez. 2003.

6. APÊNDICES

6.1 Apêndice 1 : questões norteadoras para a investigação

Questões norteadoras para o debate nas oficinas realizadas com os idosos participantes dos grupos do SESC.

1-IDENTIFICAÇÃO

Idade	Sexo	Escolaridade
Profissão/ocupação		Renda pessoal

2-COMPOSIÇÃO FAMILIAR

a) Idade, sexo, parentesco, escolaridade, profissão, ocupação, Renda familiar

b) Quem é a pessoa de referencia da família?

3- PARTICIPAÇÕES NA VIDA FAMILIAR

3.1-Participação na provisão financeira e material

a) Qual a sua participação no orçamento familiar?

b) Você colabora materialmente ou financeiramente com a família de seus filhos ou parentes?

c) Você recebe ajuda financeira ou material de parentes ou de filhos? Outros?

3.2- Participações na provisão de cuidados

a) Você se encarrega de cuidados com alguém da família que mora ou não com você? Quanto tempo? Em que situações?

3.3- Participações na realização de trabalhos domésticos e outras atividades

a)Quais atividades domésticas você desenvolve para a manutenção e organização da sua casa ou de seus filhos ou outros parentes? (desde lavar louça até consertos da casa)

b)Que outras atividades você desenvolve para ajudar sua família, fora de casa?

(pagar contas, levar eletrodomésticos para conserto, roupa na lavanderia, fazer compras). Com que frequência? Sempre, de vez em quando?

4- PARTICIPAÇÕES NA DINÂMICA FAMILIAR

a)Como você participa das decisões da vida familiar?

b)Suas opiniões são levadas em conta nas decisões?

c)O seu tempo é administrado por você ou as necessidades da família determinam o uso do seu tempo?

d)Você participa dos momentos de lazer da família? (viagens, passeios, Recepção de visitas, organização e participação em festas)

5-PARTICIPAÇÃO NA VIDA FAMILIAR: MUDANÇAS ENTRE GERAÇÕES

a)Seus pais faziam o que você faz para a família hoje?

b)Como seus pais participavam da vida de sua família? A ajuda dos pais acontecia? Como era?

c)Quais foram as principais mudanças da geração de seus pais para a geração de vocês quanto às relações familiares?

6- VIDA PESSOAL

a)Você gostaria de participar tanto quanto você participa das atividades/tarefas de sua família?

b)Você participa de outras atividades sociais, além do SESC? Você participa de outras atividades no SESC, além do seu grupo?

c)O que sua família faz para você?

d)O que você gostaria que sua família fizesse por você e que ela não faz?

e)Como você concilia seus interesses e suas atividades sociais com as solicitações, tarefas e obrigações familiares?

6.2 Apêndice 2 : diário de campo

Diário de campo

Data: 10 de agosto de 2011.

Horário: 14 as 16 h

Atividade: encontro com os dois grupos do Projeto SESC Idoso Empreendedor

Descrição:

Especificamente neste mês o grupo retornou do recesso do mês de julho. Até este mês estes já haviam aprendido a enviar e-mail, no entanto, no retorno notei dificuldades de alguns integrantes para o acesso a internet e ao e-mail. Em conversa com o grupo percebi que a maioria dos idosos não pratica em casa o que dificulta o aprendizado. Também notei que alguns faltam muito os encontros o que também dificulta.

Durante estes encontros o assunto sobre a família foi falado varias vezes, o que chamou atenção e reforçou a idéia de debater no trabalho de TCC e também de debater na sala do Projeto SESC Idoso Empreendedor com os dois grupos acompanhados. Assim diante destes embates, achei necessário realizar uma conversa com o grupo do Projeto Idoso Empreendedor para verificar o porquê das faltas aos encontros e a não realização das tarefas de casa como praticar no computador. Como neste Projeto o primeiro momento se caracteriza como “na roda de conversa”, introduzimos este assuntos ao grupo.

Na fala dos idosos o que se apresentava mais era a questão de tempo, autonomia e as relações na família. Uma forma de entrar neste assunto foi uma exposição sobre a relação da família hoje e com era antes, o que cada um pensava sobre isto, como era o dia a dia e qual era o tempo para cada um.

Em relação ao tempo, alguns do numero de 15 idosos em cada grupo no total de 30 destaca-se que mais ou menos sete idosos não praticavam em casa por falta

de tempo por realizarem tarefas para a família. Estas tarefas iriam dede cuidar da casa até o cuidado com os netos.

Assim segue as falas dos idosos no encontro:

“professora acho que vou desistir do curso, tenho que ficar com minha neta, minha filha paga uma pessoa só pela manhã, mas a tarde eu que fico também tenho que levar e pegar na escola às 5hs é tudo correndo, pra mim não dá, aí fica difícil eu vir pra cá e deixar minha filha na mão.” (informação verbal do momento da roda de conversa).

Esta senhora ao relatar sua situação, fez com que outras integrantes se colocassem e relatassem a mesma situação ou algo parecido, este momento foi importante porque todos falaram inclusive os idosos homens que participam do projeto, assim segue as informações verbais destes.

“eu também já ia conversar com a senhora, minha nora vai ganhar bebê e eu vou ficar com ela então acho que vou terminar por aqui, porque vai dar uns dois meses e não vou conseguir acompanhar o grupo.” (64)

“eu to faltando porque não posso deixar minha neta em casa sozinha, o pai dela tem que trabalhar e a mãe só vem de vez enquanto porque não mora aqui.”(60)

“eu já criei meus filhos e agora estou ajudando a criar os netos, to bem cansada, sabe professora eles almoçam lá em casa todos os dias e eu que faço toda a comida, eles não lavam nem a louça , já falei com minha filha que assim não dá , falei que a professora tava me cobrando porque eu não praticava em casa e que eu precisava ter autonomia, ela não gostou muito, mas falei.” (66)

“eu consigo vir para cá e deixar tudo em casa, meu marido fala que já to velha pra ficar mexendo em computador, com esse frio ele fala pra eu ficar em casa, mas eu não fico e minha nora veio falar comigo pra eu ficar com minha neta durante a tarde eu falei pra ela: querida eu adoro minha neta, mas eu não posso ficar com ela porque tenho curso no SESC, ela ficou chateada, mas depois me deu razão, eles tem condições de pagar uma babá , meu filho ganha bem ela também e eu to com 74 anos não posso mais cuidar de ninguém só de mim mesma.”(74)

“professora, os filhos hoje em dia são malandro, eles se puderem deixam tudo com a gente, eu já falei pra minha mulher tu não vai ficar cuidando de neto e nem de

filho porque agora que nós nos aposentamos temos que cuidar de nós, eu quero viajar muito, também faço maratona, se deixar os filhos dominam a gente, querem mandar até na nossa casa e no nosso dinheiro, eu já briguei muito com eles por causa disso.”(65)

“a não, eu acho legal ficar com meu neto, a gente brinca e temos que ajudar a família, meu filho mora na casa do lado sai de manhã e já deixa o menino lá, ele toma café, almoça e janta com a gente é tão bom depois meu marido leva ele pra escola ele adora e agora mexe no computador é bem esperto ele”. (61)

“meu filho mora do lado também, mas ele sabe que mando na minha casa e ele na dele, meus netos são lindos, mas não quero educar eles, os pais são eles eu sou avô, eles falam a pai vocês poderiam ficar com eles, eu falo não eu tenho minhas coisas pra fazer , quando eu criei vocês ninguém me ajudou , nó tivemos que nos virar” (68)

“meu filho foi morar na Inglaterra e me levou junto, cheguei lá e fui trabalhar ele falou pra eu sair do trabalho e ficar com meus netos, como eu tava lá não podia dizer que não aí cuidava deles, os pais só voltavam a noite eu ficava todo o dia com eles, dava banho, comida, levava pra escolinha, ajudava nos deveres e colocava pra dormir , eu me sentia cansada porque não tenho mais idade pra isso.”(70 anos)

“meu filho é casado, mas mora comigo, quem sustenta a casa sou eu, desde o leite da criança até a roupa sou eu que pago, o dinheiro deles é deles”. (72)

“eu moro com minha filha e meu velho, ela trabalha, mas eu que pago tudo, ela é solteira, o que ela ganha é pra ela mesma, ela me incentiva a vir para o projeto.” (60)

“eu moro com minha neta, meu neto, e minhas duas filhas, elas trabalham eu fico com as crianças e pago tudo em casa, ainda bem que ganho bem de aposentadoria” (59)

Assim finalizou-se o momento de exposição das falas, com a fala de uma idosa já avisando que não viria na próxima semana porque a neta ficaria com ela devido à escolinha estar em férias e que se a professora não se importasse ela traria junto para o encontro a neta: “posso trazer ela e deixar ela brincando no computador , ela vai gostar , é muito educada e não vai mexer em nada”.

Ao final desta colocação lembrei-me de uma situação na Universidade em que uma das colegas levou o bebê no carrinho e deixou do lado de sua classe, a professora naquele momento ficou enfurecida com a situação e pediu para sair da sala assim que o bebê começasse a chorar.

Reflexões e Análise:

Desde o início do estágio em 2010/1 notei que a prática dos avós em cuidar dos netos era rotineira em todos os grupos, tanto o do projeto idoso empreendedor quanto dos grupos interativos. Nas reuniões de supervisão e planejamento das atividades, minhas colegas também colocavam algumas situações parecidas.

Em relação aos idosos percebe-se que as famílias possuem dinâmicas diferentes, muito idosos prestam solidariedade aos seus familiares de diferentes formas.

Em relação à autonomia, nota-se que alguns têm e outros não vai depender da dinâmica familiar, entra aí na questão do tempo que cada um tem para si. Os idosos falaram que deixam de fazer suas atividades para ficarem com os netos e cuidar da família. A família para eles é muito importante. Alguns idosos não deixam de fazer suas atividades porque possuem autonomia, no entanto relata que a família os trata como velhos e não idosos ativos acham que os idosos devem ficar em casa.

Este assunto nos dois grupos do Projeto Idoso Empreendedor foi muito importante, os idosos gostaram do debate e acharam importante falar em autonomia e família, estes se sentiram muito a vontade para falar, por ser um grupo menor e por estarem juntos há meses no projeto. A convivência e a troca de experiências ajudaram bastante, quando um fala o outro também quer falar, porque também quer colocar o seu problema. A roda de conversa possibilita que isto aconteça, este é o momento de falar, muitos até se emocionam com algumas situações, o andamento da conversa foi muito bom.

No entanto a estagiária tem que ter o cuidado de não influenciar nas decisões e sim de pautar os assuntos e debater sem deixar os idosos em conflito com as famílias, nosso trabalho é de expor uma realidade e ver qual é a melhor forma de resolver.

Após ter surgido este assunto no projeto idoso empreendedor, em conversa com a assistente social e a orientadora de TCC foi decidido que faríamos oficinas com todos os grupos interativos para colher dados para o setor de grupos e que me orientariam na hora da elaboração da metodologia do TCC e também na coleta de informações sobre relações familiares concomitante ao tema de aniversário do SESC do ano de 2011 que trata as relações familiares. Decidiu-se assim que a estagiaria realizaria as oficinas com o suporte das demais estagiarias e a profissional do setor.

Providências:

Verificar com a supervisora de campo a possibilidade das oficinas serem realizadas nos grupos do IE.

6.3 Apêndice 3 : relatório da oficina

Relatório da oficina II

Atividade Desenvolvida: OFICINA HÁ QUANTAS ANDAM AS RELAÇÕES FAMILIARES.

Data: 11/10/2011

Hora: 14h

Local da atividade: Sala de Convivência /Serviço Social do Comércio – SESC -Florianópolis/SC (Unidade Prainha)

Sujeitos envolvidos: Estagiária e o Grupo Interativo União contendo 23 idosas.

Antecedentes:

Para a realização desta oficina houve um planejamento juntamente com o setor de grupos na reunião semanal do setor. As oficinas entraram como atividades para os idosos durante a semana, compreendendo que o trabalho se dá com quatro Grupos Interativos, sendo que dois a própria estagiária acompanha (A Vida Continua com Esperança e Renascer) e os outros dois grupos outras duas estagiárias do setor acompanham (União e Sempre Unidas).

Assim foram realizados os ajustes necessários como a troca de vídeo do Masaropi para o Episódio da Grande Família “Os Espaçosos”. Assim após avaliação da primeira oficina foi planejada a próxima que será exposta neste relatório.

Objetivos da atividade: discutir e refletir com os idosos o tema da Família

Metodologia utilizada: Primeiro: exposição temática sobre o tema da família

Segundo: dinâmica de grupo: debate em pequenos grupos sobre a vida familiar dos idosos. Terceiro: debate no grande grupo. Quarto: filme Quinto: avaliação.

Relato Descritivo

Como parte das atividades previstas para os grupos Interativos foi realizada a oficina Há Quantas Andam as Relações Familiares como o grupo Interativo União com vinte participantes. A atividade iniciou às 14h do dia 11 de outubro de 2011 na sala de Convivência com a fala da estagiaria expondo um pouco do assunto família, relações e solidariedade.

Assim após a exposição o grupo se interessou pelo assunto e elogiou a estagiaria por tratar deste tema tão complexo e necessário. A fala de uma delas foi neste sentido: “professora, parabéns pelo assunto, isso é muito bom falar e nós precisamos disto, que bom”.

Após a estagiaria que coordenava a oficina explicou como seria, elas responderiam individualmente algumas questões que foram definidas como Identificação Pessoal e Composição Familiar. Em seguida após o vídeo passado com o episódio “Os Espaçosos” da Grande Família com duração de 15 minutos o grupo na grande roda faria exposição sobre as relações familiares.

Ao termino do vídeo as idosas aplaudiram, gostaram muito porque, a estagiaria perguntou se estes notaram algumas semelhanças com as famílias de agora ou as famílias que eles estão envolvidos. Após risos e algumas colocações uma delas falou: “todo mundo tem um pouco desta família, isso acontece todos os dias, na minha casa não tem tanta bagunça igual a grande família , mas tem coisas muito parecidas, meu filho saiu de casa não consegui se sustentar e voltou , igualzinho o Tuco²⁰ aí do programa”.

Uma das idosas perguntou: “professora pode começar a falar?”

²⁰ Tuco é um dos personagens do programa A Grande Família, ele faz o papel de filho que mora com os pais, já tem trinta anos e não quer sair de casa.

Após esta pergunta notei que não só esta idosa, mas as outras queriam falar, os olhos brilhavam e a mão levantada o tempo todo para pedir a palavra. Então se organizou por falas. Quando uma terminava a outra poderia falar, porque elas falam todas juntas e seria difícil acompanhar.

Assim segue as falas dos idosos e a intervenção da estagiaria de acordo com perguntas chaves indiretas para melhor colher os dados necessários para a pesquisa.

“minha família quando eu era jovem era muito difícil, o pai muito machista, não deixava fazer nada, nem estudar, meu sonho sempre foi de estudar e não desisti dele. Formei-me professora e cuidei da minha vida, meu pai não gostou nada disto, mas eu fui contra ele. Aquele tempo não tinha amor, os homens só queriam fazer filho eu nunca ganhei um abraço do meu pai e minha mãe não tinha tempo, minha mãe coitada era um capacho e eu não queria isso pra mim”. (77 anos)

Pergunto como é a família hoje, com quem mora?

“hoje tudo mudou , graças a Deus a mulher expandiu , trabalha fora e casa para ter um companheiro e porque ela quer. Depois que perdi uma filha e meu marido fiquei muito tempo sozinha, aquela casa enorme e fui ficando doente e com depressão , aí minha filha me levou no medico e o medico falou que tinha duas opções , ou me internar ou morar com eles”. (77 anos)

Tentei intervir neste momento, mas não consegui a idosa estava afoita para falar, a escuta foi essencial e assim segue a fala:

“bom, minha filha veio morar comigo, ela é casada, tem dois filhos e o marido. Não falo nada ela é terrível, tem mania de perfeição sabe ai de mim se tiro algo do lugar. Ela educa meus netos de uma forma que não concordo, fico louca pra falar, mas respiro fundo e vou para o quarto. Coloquei um banheiro no meu quarto para não atrapalhar eles. É melhor assim , quando quero sai eu saio , venho para o grupo, viajo e almoço com eles no domingo, quando eles não saem”. (77 anos)

Questiono quanto à divisão de tarefas cuidados, ajuda material e financeira.

“hoje em dia não faço muita coisa, minha filha paga empregada, faço comida para os netos quando estou em casa e dou dinheiro pra eles , eles sempre precisam, divido as contas também luz, água, telefone, internet, a comida meu genro que paga, ainda bem porque eles comem a beça... risos”. E assim vou vivendo

tenho amigos aqui do grupo, o SESC me ajuda muito hoje sou outra pessoa, a convivência no grupo é ótima. “Só me arrependo de não ter arrumado outro companheiro e ter vivido a minha vida, hoje tenho companhia, mas perdi minha liberdade em casa, eu não opino em nada.” (77 anos)

Outra idosa se manifesta para falar.

“sabe professora, o casal quando casa não deve morar junto com ninguém, a vida da gente tem que ser do jeito que a gente que, morando com alguém sempre tem problema, eu acho isso que a gente tem que morar sozinha ou numa dessas casas de idoso”. (62 anos)

Outra idosa fala:

Morei sozinha seis anos depois de separada. Era muito bom, aí minha filha se separou e um dia ela pediu para voltar a morar comigo eu fiquei com pena e deixei , ela veio com meu neto. Começou os conflitos. Ela não faz nada em casa, perdi a liberdade, cuido da casa e do neto. Levo e busco da escola, dou banho, janta e coloco pra dormir. O que eu fazia antes não faço mais, virei mãe de novo, sou mãe duas vezes. (64 anos)

A idosa neste momento respira fundo e fica um pouco emocionada , as outras a consolam. Levo um copo de água e ela pede desculpa. Para quebrar o clima tenso falo que estamos fazendo uma conversa de mulher para mulher, elas brincam: “ é verdade , isso é muito bom , hoje estamos no Divã ...risos.”

Assim a mesma idosa continua a falar:

“eu que pago as contas, porque não pego fila , minha filha fala , vai lá mãe tu não pega fila mesmo, já falei pra ela que não vou mais, ainda cuido da minha mãe de 56 anos, eu que mando na minha casa, minha filha que veio morar comigo, não fui eu que fui morar com ela, mas os filhos se aproveitam , deixo de fazer minhas coisas para ficar com meu neto, agora ela ta namorando e eu fico com neto quando ela sai.”

Professora agora sou eu fala uma das idosas. “moro com minha filha, ela é terrível também, eu sou o homem e a mulher da casa, cuido de tudo, desde a

comida até as contas, ela só trabalha fora, não me ajuda em nada, agora vai casar, não vejo a hora de ficar sozinha.” (69 anos)

Outra se manifesta: “eu também, mas é minha filha que mora comigo e não eu que moro com ela, a casa é minha, ela é separada e têm dois filhos, eu fico com eles também e ainda tenho um filho doente que mora comigo e eu que cuido dele, meus netos bagunçam tudo, eu fico irritada , preferia quando eles me visitavam , morando junto não dá, também quero ficar sossegada e não posso, quando não venho no grupo é porque to em função deles ou do meu filho”.(65 anos)

As idosas do grupo se manifestam ao mesmo tempo falando que a liberdade é muito boa, que a autonomia é tudo. Faço a intervenção perguntando sobre as decisões na família. E quase que todas respondem que não opinam em nada, muitas nem são avisados.

“Meu filho comprou um carro e nem me falou nada, ele mora comigo e eu nem sabia, ele falou que a vida é dele.”(62 anos)

“quando fiz o banheiro no meu quarto perguntei a opinião da família, porque se eles moram comigo devem saber o que penso em fazer”.(77 anos)

“minha filha falou que quer fazer estagio agora, eu falei agora não é hora , meu dinheiro é pouco pelo menos o que tua ganha já ajuda na despesa com teu filho e ela me ouviu”.(65 anos)

Falo com elas sobre o que a família faz por elas, desde ajuda financeira até cuidados. O que se ouviu foi:

“Eles me dão atenção, dinheiro não, eu que dou dinheiro pra eles”. (64 anos)

“minha família não faz nada por mim, eu que faço por eles”.(62 anos)

“gostaria de ter mais atenção e carinho, eles nunca tem tempo pra nada”.(64 anos)

“nossos pais não faziam o que a gente faz pela família, casei e tive que me virar hoje os filhos falam que obrigação nossa de ajudar”.(58 anos)

Após as colocações e desabafos do grupo as idosas responderam individualmente duas questões que tratam da Identificação Pessoal e Composição Familiar. A oficina encerrou com a confraternização das idosas em um momento de alegria e satisfação por falar. Algumas das idosas me procuraram para falar coisas muito pessoais que não convém colocar neste relatório por sigilo profissional.

Avaliação

A realização desta oficina foi importantíssima tanto para a estagiária quanto para o grupo de idosas. Estas estavam esperando o momento de falar com ansiedade. Parecia que estava há muito tempo querendo falar e ninguém ouvia. Tanto que ao término da oficina todas vieram me abraçar e agradecer a oportunidade que estava acontecendo. “professora vem mais vezes com outros assuntos também”. Um dos assuntos de interesse do grupo é em relação à sexualidade. Fica como proposta de intervenção para uma próxima oficina.

Neste sentido é importante que a estagiaria esteja atenta as demandas do grupo , mesmo que este grupo não seja acompanhado por a estagiaria naquele momento é uma proposta a ser pensada juntamente na reunião de planejamento com as demais estagiarias e a profissional responsável pelo setor. *lamamoto que coloca que o desafio é redescobrir alternativas e possibilidades para o trabalho profissional no cenário atual.*

Lewgoy (2009) coloca que o espaço privilegiado para a intervenção do profissional é o cotidiano, no dia a dia no trabalho, ambiente onde há exigências imediatas, utilizando diferentes meios e métodos para desenvolver. Este espaço configura a ação profissional numa dimensão historicamente determinada pela divisão sócio-técnica do trabalho e nessa relação os profissionais criam redes e sistemas institucionalizados de organização social.

Assim o profissional não têm só que analisar os acontecimentos, mas tomar uma posição crítica e assim decidir por uma intervenção, no conhecimento voltado para a prática investigativa. Por isso é importante que o estagiário de serviço social esteja sempre atento as novas demandas que surgem no decorrer das atividades e de suas rotinas buscando embasamento nas leituras e debates com profissionais e responsáveis pela supervisão no sentido de orientar o fazer profissional.

Ao conhecer a realidade o profissional vai construindo um projeto de ação, com isso ele estabelece e determina a relação com a teoria, fazendo uma combinação entre teoria e prática e não usar a teoria somente como instrumental.

Quanto ao uso do episódio do Programa A grande Família “Os Espaçosos”, foi fundamental para que os idosos se sentissem a vontade para falar. Outro fator importante é que o tempo do vídeo é curto o que os idosos conseguem acompanhar de uma forma tranquila e com atenção. Percebe-se que houve diferença entre o grupo que assistiu ao filme do Masaropi. O vídeo retrata a família atual o que realmente é convívio deles e da mesma forma possibilita fazer uma comparação com tempos atrás.

Por fim esta oficina foi valiosa, o levantamento de dados se deu através do relatório em questão e da observação da estagiária. O profissional de Serviço Social utiliza também muito do instrumental da observação, como forma de buscar conhecer e compreender a realidade na qual se desenvolve a ação profissional busca romper com a aparência, visa compreender a essência da realidade observada.

A partir deste instrumental, o profissional avalia juntamente com os idosos, as atividades, para criar novos caminhos e compreender quais são as verdadeiras demandas através da escuta qualificada. A escuta é importante para os idosos, estes valorizam os momentos em que alguém os escuta. “nossa professora que bom que este momento aconteceu que alguém resolveu nos ouvir, estou tão aliviada e feliz, porque nunca falei pra ninguém o que acontece comigo e hoje falei para o grupo todo que convivo a mais de 10 anos.”

O profissional precisa estar sempre atualizado e buscando novas demandas de atendimento ao trabalho com grupos. Passar o conhecimento ao usuário é ir além de falar a ele que este possui direitos.

Ao exercer a cidadania, o idoso cria um espírito de integração, constituindo-se parte de um grupo. Se a pessoa sente-se pertencente a um grupo, à comunidade e ao seu país, por extensão passa a sentir-se cidadã do mundo. A prática da cidadania pode criar um sentimento de dignidade e solidariedade partilhada: união com amizade entre todos. (Mendes, 2004, p.)

Essa experiência favoreceu a estagiária trabalhar a dimensão investigativa do Serviço Social, ampliando assim os limites de atuação profissional, desenvolvendo as potencialidades da própria, que objetiva desenvolver sua ação profissional na área do Idoso, como forma oferecer as ferramentas aos sujeitos para que estes desenvolvam sua emancipação e seu protagonismo social através da liberdade e autonomia.

Encaminhamentos

Avaliar a oficina com a profissional do setor a fim de passar as novas demandas de trabalho com os grupos conforme solicitado pelos idosos como é o caso do assunto Sexualidade.

Referência

IAMAMOTO, Marilda. O serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1999.

MENDES, M. J. O papel do assistente social no centro de convivência Paulo Fagundes Fonseca Penido Faculdade de Medicina de Minas Gerais Curso de Especialização em Envelhecimento e Saúde do Idoso Belo Horizonte 2004.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. Considerações iniciais para o exame do Processo de Trabalho do Serviço Social. Em Pauta-Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ/FSS, novembro de 1995. n. 6.

LEWGOY, Alzira Maria B. Desafios e Exigências da formação profissional na Contemporaneidade. In: Supervisão de Estagio em Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2009, p. 19-63.